

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
MESTRADO EM SAÚDE PÚBLICA
SUBÁREA SAÚDE E SOCIEDADE**

A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

**Os valores hierárquicos e igualitários na construção da identidade e das
relações afetivo-sexuais dos adolescentes**

Professora Orientadora:
Prof. ^a Dra. Karen Mary Giffin

Mestranda:
Cláudia de Paulo Pereira

OUTUBRO DE 2002

A minha filha Ana Gabriela que trouxe
um novo colorido para minha vida

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me proporcionou meios de ingressar e realizar o Mestrado em uma instituição tão digna e respeitável como a FIOCRUZ.

A minha mãe que possibilitou minha inscrição para o processo seletivo e para a realização deste curso, cuidando de minha filha e suportando, sem muitas queixas, a minha falta de disponibilidade para estar com minha família.

Sou especialmente grata à minha orientadora, Prof. Dra. Karen Mary Giffin, que mais que uma profissional brilhante e reconhecida na área de Gênero e Sexualidade, é um ser humano de uma sensibilidade e solidariedade inestimáveis. Sem o seu apoio incondicional nos vários momentos difíceis que atravessei durante esta caminhada não teria sido possível a realização deste sonho. A ela que faz jus ao título de ORIENTADORA e MESTRE, dedico um profundo carinho e gratidão.

Ao meu amigo Daniel, que me ajudou na organização dos dados e, através de sua interlocução, ajudou-me a compreender um pouco melhor a alma masculina.

Ao Chefe da Divisão de Saúde Mental em Petrópolis, Sr. Rui Stockinger, que, por compreender a relevância deste curso, contribuiu para viabilizar a realização desta pesquisa na unidade de saúde em que trabalho e não poupou esforços para garantir as condições institucionais de que eu necessitei para dar conta desta grande tarefa.

Aos adolescentes, cuja contribuição foi fundamental à realização desta pesquisa.

A ENSP/FIOCRUZ, pela grandeza e seriedade da função educativa e social que exerce e pela estrutura que oferece aos alunos para a realização de suas tarefas.

Aos Examinadores da Banca, por se disporem a contribuir com seu conhecimento para o enriquecimento deste trabalho.

A amiga Ana Valéria, pela boa vontade e critério com que fez a revisão do texto.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender de que forma os valores hierárquicos e igualitários que referem-se ao masculino e ao feminino operam na constituição da identidade e das relações afetivo-sexuais dos adolescentes.

Partindo de uma perspectiva relacional de gênero e considerando o contexto em que se dão os relacionamentos afetivo-sexuais na contemporaneidade, foram realizadas oito entrevistas com adolescentes de ambos os sexos que estudam no bairro do Carangola e freqüentam a unidade de saúde.

As entrevistas permitiram perceber a coexistência de valores hierárquicos, que caracterizavam o masculino como superior ao feminino e de valores igualitários, que admitem as diferenças sem hierarquias. Esta coexistência traz contradições nítidas nos discursos dos jovens, nas quais o conteúdo igualitário é enunciado mais claramente e o hierárquico surge nas entrelinhas.

Embora, em sua maioria, os jovens entrevistados tenham práticas afetivo-sexuais que baseiam-se em valores dignificantes e humanizantes, estes reconhecem a existência, na sociedade e entre seus pares, da dissociação amor e sexo e da violência entre pares, o que pode ser compreendido como uma masculinização no conceito de igualdade.

A contribuição que este trabalho pretende trazer aos profissionais que atuam com adolescentes é apontar para a importância do “empoderamento” pessoal (*personal empowerment*) dos adolescentes, no sentido de ajudá-los a preservarem os valores humanizantes e dignificantes.

Palavras-chave: Adolescentes, sexualidade, gênero, identidade, relações afetivo-sexuais

ABSTRACT

The object of this research was to understand how hierarchic and egalitarian values relative to gender operate in the constitution of the identities and sexual-affective relations of adolescents.

Eight interviews were carried out with adolescents of both sexes who study in Carangola and use the health post there. The interview was based on a relational perspective on gender, and considered the contemporary context of sexual-affective relations.

The interviews reveal the coexistence of hierarchic values characterized by the affirmation of masculine superiority, and of egalitarian values which admit differences without hierarchy. This coexistence is reflected in contradictions in the adolescents' discourses, where the egalitarian content is more clearly announced, with hierarchical values appearing as background.

Although the majority of these young people have sexual-affective practices which reflect dignifying and humanizing values, they also point to violence between couples and the dissociation of love and sex, which could be seen as reinforcing formerly masculine values.

These results could be useful to professionals who work with adolescents, as they suggests that discussion of the underlying contradictions in values could be useful in promoting personal empowerment based on dignifying and humanizing values.

Key words: adolescents, sexuality, gender, identity, sexual-affective relations

A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Os valores hierárquicos e igualitários na construção da identidade e das relações afetivo-sexuais dos adolescentes.

ÍNDICE	PÁGINA
I. Introdução	2
O campo da pesquisa	4
II. Alguns Conceitos Básicos	9
Adolescência	9
Gênero e Sexualidade: construindo identidades e relações de gênero	11
III. Sexualidade na Contemporaneidade	19
Sexualidade na Adolescência	23
IV. Metodologia	29
V. Análise dos Dados	32
Os adolescentes	32
Vida escolar e profissional	34
Os papéis e orientações familiares	37
Vida afetivo-sexual	44
Ser Homem e Ser Mulher	52
O grupo de pares	64
VI. Conclusão	72
Referências Bibliográficas	75
Anexo	
Roteiro das entrevistas	

I INTRODUÇÃO

Ao se observar os discursos de pais, educadores, profissionais de saúde e de educação, bem como da mídia, verifica-se que os adolescentes são caracterizados como "enigmáticos", "incompreensíveis", "inacessíveis", quase "impermeáveis" às orientações dos adultos e às ações educativas dos profissionais. A informação hoje globalizada permite ver como a problemática do adolescente também mobiliza sociedades com níveis de desenvolvimento e valores culturais bastante diferentes do brasileiro. No imaginário popular, o adolescente, sua vida emocional e comportamento, geram um sentimento de estranheza, inquietando aqueles que direta ou indiretamente com eles se relacionam.

Trazendo esta perspectiva à luz da realidade brasileira e no que diz respeito à saúde, o Ministério da Saúde (2000), em suas diretrizes para o Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD), aponta os fatores externos, isto é, os acidentes de trânsito, os homicídios e os suicídios, como a principal causa de mortalidade nesta faixa etária. Outros fatores, tais como o uso de drogas psicoativas, a violência, a gravidez precoce, a prostituição infanto-juvenil, a violência sexual no âmbito da família, as desigualdades sociais e a falta de perspectivas de inserção social, também são apontados não só pelo Ministério da Saúde, mas também pelas famílias e pelos professores, como ameaças freqüentes ao potencial de desenvolvimento dos jovens (Arihla & Berquó, 1993 apud Arihla e Calazans, 1998).

Como se pode ver, o discurso oficial endossa a visão de que a adolescência e os processos que a caracterizam representam risco ao desenvolvimento do ser humano que está atravessando esta fase da vida e, de certa forma, também ao da sociedade em que está inserido. Esta visão também caracteriza a adolescência como problema e objeto de intervenção da Saúde Pública.

Medrado e Lyra (1999) apontam que o enfoque de risco, ou seja, a associação da adolescência à noção de crise, desordem, irresponsabilidade, enfim, problema social a ser resolvido, aparece fortemente associado aos repertórios de conduta dos

adolescentes e esta forma de encarar esta fase da vida tem baseado muitos discursos e práticas científicos e profissionais junto a este grupo, possibilitando a construção de expressões absurdas tal como a *prevenção da adolescência*.

A crítica de Günther (1999:87) a respeito desta visão negativa hegemônica em relação à adolescência é digna de nota:

...os fatores de risco - decorrentes de comportamento - e suas incidências são constantemente propagados. Assim, uso de álcool, de drogas ilícitas, dificuldades na aprendizagem ou evasão escolar, sexo sem proteção, gravidez, paternidade ou maternidade adolescentes, delinqüência, violência e criminalidade são sempre relatados, mas as boas ações nunca aparecem. Isso como que corresponde a uma regra invertida do escotismo, em que os elogios devem ser tornados públicos e as críticas, privadas. No caso do adolescente, ao contrário, os elogios quase nunca vêm a público.

Um dos aspectos da vida do adolescente, alvo de propostas e intervenções, que é freqüentemente apontado como motivo de preocupação – por pais, profissionais e autoridades das áreas de saúde, educação, social e, inclusive, religiosa – é a SEXUALIDADE. Cada uma das partes citadas busca controlar, coibir, prevenir e orientar de forma característica à sua alçada o exercício da sexualidade dos adolescentes. Preocupações com a incidência de gravidez, AIDS, abuso e violência sexual, prostituição e prejuízos nos projetos de vida, entre outras, baseiam suas ações que, muitas vezes, são legítimas e justas. Por outro lado, tais preocupações demonstram que a sexualidade adolescente também é vista sob o enfoque de risco. Entretanto, na medida em que a sexualidade é fundamental ao desenvolvimento humano, emerge de forma notória na adolescência e é, também, uma das dimensões da vida em que a afetividade, aspecto que "colore" a existência humana, expressa-se, é necessário que se tenha uma compreensão mais abrangente deste processo.

Segundo Paiva (1996:213), a sexualidade adolescente é caracterizada, pelo discurso biomédico, como um evento biológico discreto, ou seja, um conjunto de freqüências de comportamentos, explicada pela natural explosão dos hormônios e a impulsividade normal nessa fase de desenvolvimento. Com isso a gramática cultural da sexualidade adolescente dificilmente é pensada. No entanto, Leal (1993, apud Paiva, 1996: 215), argumenta que as propostas médicas são sempre reinterpretadas à luz de um conjunto de crenças e são tornadas coerentes com uma visão de mundo norteadora das práticas cotidianas.

Conforme aponta Paiva (1994:231), a causa da baixa eficácia de muitas ações preventivas voltadas para este campo deve-se, basicamente, ao fato de as decisões sobre políticas públicas de prevenção não levarem em conta a cultura sexual, especialmente o

contexto social e cultural em que as decisões sobre sexo são tomadas. A compreensão dos processos relativos à sexualidade na adolescência requer que o pesquisador dispense-se da concepção negativa e moralista que circunscreve este período da vida e também este tema. Fundamental mesmo é que este pesquisador disponha-se a ouvir e compreender como os adolescentes vêm amando e se relacionando nos dias atuais. Vários fatores, tais como gênero, valores culturais, condições socioeconômicas e nível educacional influenciam a cultura e as práticas sexuais dos adolescentes.

O campo da pesquisa

O longo período de atuação como psicóloga na unidade de saúde do bairro do Carangola, no município de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, despertou meu interesse em compreender a forma como estruturam-se as identidades e as relações de gênero dos adolescentes, compreendendo-se aqui tanto os do sexo feminino quanto os do masculino.

Tal interesse deve-se à observação de que a insatisfação no relacionamento conjugal é uma constante nas queixas das mulheres do bairro que buscam acesso ao serviço e, embora esta insatisfação venha, na maioria das vezes, camuflada sob os sintomas comportamentais ou de aprendizagem de seus filhos, os motivos de conflito entre os casais, expressos por elas, muitas vezes refletem as noções de gênero, dualistas e cristalizadas, sobre os quais construíram as suas relações. A insatisfação dos homens, que raramente recorrem ao serviço, pode ser inferida a partir dos relatos de suas esposas que, freqüentemente, reclamam do abuso de álcool, da ameaça e da violência, da incompreensão, da infidelidade, da falta de diálogo, de cumplicidade e participação na educação dos filhos por parte de seus maridos .

Tais desencontros entre homens e mulheres não constituem somente uma peculiaridade dos casais do bairro do Carangola, são também objetos de poesias, músicas, estudos, livros, etc. A freqüência com que ocorrem faz parecer que são naturais, biológicos, intrínsecos à diferença entre a natureza masculina e feminina. Os estudos feministas trouxeram uma importante contribuição para a compreensão deste processo, que é a idéia de identidade e relações de gênero como algo socialmente construído.

Como é possível haver encontro amoroso entre dois seres onde um deles é educado para vivenciar livremente sua sexualidade e, outro, educado para reprimi-la?

Entre uma pessoa educada para valorizar e outra para negar seus sentimentos? Estes, entre outros aspectos, são aqueles que constituem de forma binária a identidade de gênero masculina e feminina. Embora resultantes de uma construção historicamente determinada, os papéis sexuais são experienciados por homens e mulheres como algo natural e, portanto, imutável, fazendo com que estes percebam as dificuldades no relacionamento com seus parceiros como insolúveis.

Em meu recente trabalho com grupos de adolescentes do sexo feminino, na unidade de saúde, foi possível observar que as dificuldades de relacionamento entre meninos e meninas parecem "protótipos" daquelas que os adultos vivenciam, mas com algumas diferenças originadas da incorporação de valores modernos, ou seja, aqueles baseados na noção de igualdade entre homens e mulheres. A questão do trabalho e do sustento da casa já não é vista como função exclusivamente masculina, por exemplo. A virgindade e a sexualidade também parecem ter para as adolescentes um valor diferente daquele que tinha para mulheres mais velhas quando na idade delas. Atitudes que outrora foram contestatórias dos padrões de comportamento sexual tradicional, hoje são consideradas legítimas e, muitas vezes, até incentivadas.

Cabe ressaltar que a emergência da sexualidade dos jovens do Carangola alarma os seus pais que, no desempenho de seu papel educativo, parecem ver este aspecto do desenvolvimento como um risco a ser evitado e negado. Estes revivem suas adolescências mas, muitas vezes, isto não é suficiente para torná-los sensíveis ao processo que seus filhos atravessam. Pelo contrário, aparentemente adotam com seus filhos a mesma postura que seus pais adotaram em relação a eles (e da qual queixam-se constantemente), ou seja, são repressores e negam-se ao diálogo e ao esclarecimento, muitas vezes por julgarem-se incapazes de fazê-lo.

A diretora da escola do bairro, por outro lado, manifesta preocupação com o desinteresse das adolescentes por qualquer outra coisa que não sejam os "meninos", o que considera refletir-se em diferentes aspectos, tais como: o baixo aproveitamento escolar delas, a não inserção destas em atividades profissionalizantes e esportivas, vestimentas e comportamentos "vulgares" e envolvimento em brigas, até corporais, com outras adolescentes na disputa pelos rapazes. Ela considera a baixa auto-estima e a falta de perspectivas quanto ao futuro como os principais fatores causadores deste comportamento.

Dados do Ministério da Saúde (2000) relacionam vários aspectos da sexualidade aos agravos que atingem de forma significativa a saúde dos adolescentes, tais como AIDS, gravidez, etc. Estas jovens, entretanto, não se mostram tão

preocupadas com esta questão. Parecem, simplesmente, quererem vivenciar as emoções que surgem neste período da vida.

Particularmente, enquanto profissional da unidade de saúde do bairro, busco uma forma de compreender os determinantes desta situação para construir uma prática junto aos adolescentes que realmente os interesse, mobilize e engaje, contribuindo no processo de planejamento de seu futuro e na construção de suas vidas. Esta prática precisa ser ampliada e, para isso, é necessário compreender as várias esferas da vida destes jovens nas quais outros atores – tais como seus pais, seus professores, seus colegas e os demais componentes da comunidade local – participam. Como se pode ver, as ações educativas intra-unidade de saúde que apenas informam, não são capazes de influenciar de forma significativa o comportamento sexual das adolescentes, o qual é fruto de múltiplas determinações. Paiva (1994:238) corrobora esta posição ao afirmar que informações genéricas e não adaptadas a cada comunidade não estimulam práticas mais seguras, incluindo o uso da camisinha.

Quanto às ações voltadas para as práticas sexuais, compartilharei, neste estudo, da mesma hipótese de Paiva (1994:237). Na visão desta autora, a ideologia de gênero, ou seja, a forma diferenciada como a sociedade constrói a identidade da mulher e do homem, é um dos elementos-chave para compreender os obstáculos à práticas sexuais mais seguras. Nesta visão, a compreensão da ideologia e das relações de gênero de um determinado grupo social é fundamental para a construção de propostas de ação e intervenção adequadas junto aos adolescentes.

A relevância da pesquisa reside na possibilidade de fornecer subsídios para as iniciativas voltadas para a construção de práticas sexuais e relações de gênero mais saudáveis e satisfatórias e cujo objetivo é alcançar, conforme enfatiza Paiva, a "solidariedade na diferença" ou, em outras palavras, "direitos iguais para ser diferente" (Paiva,1994:248).

Em suma, no que preocupa aqui, para se realizar um trabalho de educação em saúde eficaz com os jovens é fundamental levar em conta o seu contexto familiar, social, educacional e cultural. Neste, é fundamental conhecer suas condições de vida, suas famílias, seus laços e relações sociais, os grupos sociais de que faz parte, a comunidade em que vive e compreender como estes aspectos relacionam-se ao contexto sócio-econômico-cultural mais amplo. Tudo isto é fundamental para embasar ações que propiciem condições para que o adolescente seja sujeito de sua sexualidade.

Tendo em vista a importância de se compreender o jovem para poder se ter uma atuação profissional mais adequada às suas necessidades, o presente estudo terá

como objeto a afetividade dos jovens. Mais especificamente aquela que emerge na adolescência, a afetividade ligada ao par, ao interesse e à atração pelo outro enquanto objeto de amor romântico ou sexual. Buscando compreender de que forma se constrói a afetividade e a sexualidade dos adolescentes de hoje, serão abordadas várias dimensões de suas vidas: os aspectos psicossociais que caracterizam esta fase do desenvolvimento, a visão de seus pais, os traços que caracterizam as identidades de gênero masculina e feminina e os valores hierárquicos e igualitários a respeito de gênero e sexualidade.

Como valores hierárquicos serão considerados aqueles que caracterizam os papéis sexuais masculino e feminino através de oposições binárias baseadas em uma ideologia hierárquica, onde o masculino encontra-se associado aos aspectos socialmente valorizados e à produção e, portanto, em posição de superioridade, e o feminino encontra-se associado aos aspectos socialmente desvalorizados e à reprodução e, conseqüentemente, em posição de inferioridade. Estes valores tradicionalmente são pautados por um "duplo padrão de moralidade" sexual (Dauster, 1987:103) no que tange à conduta do homem e da mulher, onde a honra, a monogamia, o adultério, a fidelidade conjugal e a promiscuidade têm tido significados diferenciados por sexo.

A chamada "revolução sexual" trouxe consigo novos valores sexuais que legitimaram o exercício da sexualidade feminina anterior ao casamento, enfatizaram a importância do prazer sexual feminino e possibilitaram novas formas de relacionamento amoroso e sexual (Werebe, Kehl e Chauí, 1981). Estes, entre outros valores, alteraram as representações tradicionais de gênero e parecem que já foram incorporados pelas jovens do local. Certamente, em uma perspectiva relacional de gênero, também foram incorporados pelos rapazes, mas a forma pela qual isto se deu é um aspecto que ainda não foi observado. Na medida em que as transformações sociais e culturais são absorvidas diferentemente pelos diversos setores e camadas sociais (Giffin, 1994), cabem aqui as seguintes questões: Como relacionam-se os valores hierárquicos e igualitários na constituição da identidade de gênero e do comportamento destes adolescentes? Como os jovens desta comunidade têm estruturado seus relacionamentos afetivo-sentimentais?

Por valores igualitários, serão tomados aqueles que baseiam-se em uma ideologia igualitária de gênero. Segundo estes valores, as diferenças entre homens e mulheres não implicam em posições e papéis sociais diferentes. As máximas "direitos iguais para todos" e "homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações", contempladas na Constituição Federal de 1988, concretizam estes valores em todas as áreas da vida, incluindo-se aí o campo da sexualidade.

Tendo como base as considerações feitas anteriormente, cabe aqui levantar algumas questões fundamentais aos propósitos deste trabalho: Qual o significado, para os adolescentes, das vivências afetivas e sexuais com que começam a lidar? De que forma as representações sexuais e de gênero são experienciadas individualmente? Como relacionam-se amor e sexo na subjetividade destes adolescentes? Como são as formas de relação entre os adolescentes e de que forma articulam-se os sentimentos, a sexualidade e os valores hierárquicos e igualitários nestas relações? De que forma a maternidade/paternidade inscreve-se neste processo? Que mudanças os jovens apontam como necessárias para que as pessoas possam ser felizes em suas vidas afetivas e sexuais? O que propõem? Melhorar a compreensão destas questões é a contribuição que este estudo pretende trazer.

II ALGUNS CONCEITOS BÁSICOS

Adolescência

A adolescência pode ser conceituada a partir de diferentes perspectivas: biológica, psicológica, jurídica e sócio-cultural. Entretanto, é fundamental se ter em mente que nenhuma destas perspectivas, isoladamente, é capaz de definir esta etapa do desenvolvimento humano.

Partindo de uma perspectiva biológica, a adolescência é associada à puberdade, que é caracterizada por modificações corporais decorrentes da ação hormonal do eixo neuro-hipofisário. Os principais aspectos da puberdade, conforme descrito nas Normas de Atenção à Saúde Integral do Adolescente (1993:17), do Ministério da Saúde, são:

*o estirão do crescimento, o desenvolvimento das gônadas, o surgimento dos caracteres sexuais secundários, mudanças na composição corporal (principalmente na quantidade e distribuição de gorduras em associação com o crescimento do esqueleto e músculos) e desenvolvimento do sistema respiratório e circulatório... A puberdade está concluída com o fim do crescimento esquelético, que coincide com a soldadura das cartilagens de conjugação dos ossos longos, e com o amadurecimento gonadal, que permite a **plena execução da função reprodutora** (grifo meu).*

A puberdade, o aspecto biológico, como já foi enfatizado anteriormente, é um dos componentes da adolescência e um fenômeno universal, que em condições de normalidade, tem seu início e fim estabelecidos, cuja margem de variação estabelece-se em função de fatores internos e externos inerentes a cada indivíduo (Ministério da Saúde, 1993:17).

Quanto à faixa etária que caracteriza este período, ela diferencia-se conforme a instância que a define. O Programa de Saúde do Adolescente, do Ministério da Saúde, define a faixa etária do adolescente como de 10 a 19 anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (lei 8090/90), ou seja, a lei que estabelece o direito da criança e do adolescente, considera como criança a pessoa de 0 a 12 anos incompletos e adolescente como aquela que situa-se na faixa etária entre 12 e 18 anos. É importante considerar que a definição dada, para caracterizar a adolescência, por uma instância da área da saúde parte de critérios diferentes daqueles de que parte uma instância jurídica. Devido aos propósitos deste estudo estarem afinados com a área da saúde, será tomada como referência a definição dada pelo Ministério da Saúde.

O termo adolescência está mais intimamente ligado a determinadas transformações psicossociais que ocorrem no indivíduo e, por isso, pode anteceder ou suceder à puberdade. Suas características e seu início e fim estão intimamente ligados ao ambiente sócio-cultural. Segundo o Ministério da Saúde (1993:18), o término da adolescência, em linhas gerais, é caracterizado pelo atendimento das seguintes condições:

1. *Estabelecimento de uma identidade sexual e possibilidade de estabelecer relações afetivas estáveis;*
2. *Capacidade de assumir compromissos profissionais e de manter-se;*
3. *Aquisição de um sistema de valores pessoais;*
4. *Relações de reciprocidade com a geração precedente, principalmente com os pais e demais membros da família e com a sociedade.*

É importante se ter em mente que as condições citadas acima são aquelas que idealmente caracterizam a adolescência. Ao se observar o comportamento de alguns adultos, pode-se constatar que estes comportam-se, ainda, como adolescentes em vários aspectos. Também tem-se que considerar que determinadas condições sócio-culturais e econômicas podem retardar o término deste período.

Conforme afirmam Stone e Church (1972 apud Fiori, 1982:11), "a adolescência é uma invenção cultural". A existência e a duração desta fase estão intimamente relacionadas ao grau de desenvolvimento tecnológico de uma determinada cultura. Nas culturas tecnicamente menos sofisticadas não há motivo para se retardar o ingresso do jovem no mundo adulto. Ele ingressa neste tão logo seja capaz de reproduzir e produzir, dentro da ideologia do grupo.

Na medida em que aumenta o grau de especialização ou o desenvolvimento tecnológico de uma sociedade, o tempo de preparo necessário para que o jovem torne-se um produtor, ou seja, adquira este requisito necessário ao ingresso na estrutura social, torna-se cada vez mais longo.

Considerando-se que, atualmente, o grau de especialização e desenvolvimento tecnológico das sociedades ocidentais, em sua maioria, vem elevando-se vertiginosamente e que o mercado de trabalho vem retraindo-se cada vez mais, cabe uma reflexão a respeito do atendimento à condição que se refere à capacidade de se manter para se caracterizar o término da adolescência. A ênfase a esta questão deve-se ao fato de que a dependência ou a independência econômica do adolescente em relação à sua família influencia de forma relevante outros aspectos do desenvolvimento do jovem.

Fiori (1982:12-13) traz uma importante reflexão a respeito da habilidade histórica das sociedades em tratar com a adolescência. Segundo este autor, os modelos tribais que caracterizaram a quase totalidade da evolução humana e da formação de modelos de relação com o mundo não têm mais aplicabilidade dentro das novas necessidades de preparação do produtor. Isto significa que a ideologia social torna-se ambígua e especuladora sobre o que cobrar do adolescente.

Em um mundo em rápida transformação, como o contemporâneo, onde as ideologias relativizam-se, modificam-se, desaparecem e reaparecem com uma rapidez que parece ser muito superior à capacidade de assimilação da subjetividade humana, torna-se fundamental refletir sobre os valores e modelos de relação em que os adolescentes poderão ancorar-se para constituírem-se como adultos.

Em muitas sociedades atuais, um termo comumente associado à adolescência é "crise". A concepção de Caridade (1999:206) a respeito deste termo é digna de nota:

Concebo a crise, como algo que é próprio do sujeito, quando nele se operam intensas transformações. Nesse sentido, a crise da adolescência é expressiva do crescimento que nela se dá; crescimento marcado por desorganizações físicas, hormonais, psíquicas, emocionais e por conseqüentes reorganizações. Toda crise nos coloca diante de emergências, enfrentamentos, superações, desafios. Em culturas orientais, o termo significa 'oportunidade e perigo', veiculando idéias de promessas e receios, que são típicos do que é vivido em um estado emergencial de mudança.

Portanto, desta concepção de crise, pode-se depreender uma idéia não só baseada no enfoque negativo que traz o conceito de risco, segundo o qual esta etapa da vida é comumente vista, mas também de possibilidade de realizações. É com a idéia de adolescência como período de oportunidade e perigo que este estudo trabalhará.

Gênero e sexualidade: construindo identidades e relações de gênero

A importante contribuição dos estudos de gênero reside, conforme afirma Giffin (1995:29), nos seguintes aspectos:

1. nos estudos de gênero, o corpo ter sido identificado como âncora conceitual da definição sociocientífica das mulheres e a repressão da sexualidade feminina ter sido revelada como ponto nevrálgico do controle social exercitado sobre as mulheres;

2. este referencial corpo/ gênero/ poder ter levado à percepção da importância das dicotomias organizativas da ciência e do fato destas expressarem/criarem idéias poderosas sobre homens (sujeito da ciência, expressão da cultura através da razão e da mente) e mulheres (objeto da ciência, expressão da natureza através do corpo e da emoção);
3. o conceito de gênero evidenciar, cientificamente e socialmente, a rejeição do destino biológico anunciado pelo discurso dominante, na medida em que expressa e simboliza a prática científica das mulheres, e sua inserção como sujeitos científicos engajadas na construção de uma ciência de sucessão.

Esta ciência de sucessão, conforme descreve esta autora, é aquela que nega a possibilidade de separação de sujeito e objeto, na conceituação e na operacionalização das investigações; que valoriza as emoções do(a) investigador(a); que vê a participação dos objetos de investigação como essencial no surgimento de pesquisas participativas e que explicita as opções ideológicas proclamando o objetivo final da transformação .

Ao longo da sua história o conceito de gênero já teve diferentes significados, tendo sido, inclusive, um substituto do termo "mulheres". Entretanto, nesta dissertação este conceito é utilizado em sua noção relacional, segundo a qual as mulheres e os homens são definidos em termos recíprocos, sendo impossível compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado.

De modo mais específico, o termo gênero é considerado como uma forma de indicar "construções culturais", ou seja, "a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e mulheres" (Scott,1995:75). Estas construções culturais, segundo Scott, são baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e constituem a base sobre a qual se assenta a forma primeira de significar relações de poder. A importância desta conceituação de gênero reside, na visão desta autora, no fato de oferecer um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens, isto é, "ênfatisa todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade" (Scott, 1995:76).

O Grupo Ceres (1981) afirma que o conceito de sexualidade é complexo na medida em que situa-se entre a natureza, no que refere-se ao biológico, e a cultura, por traduzir e reinterpretar o biológico; neste sentido, a sexualidade também constitui uma construção e uma representação social. O conceito de sexualidade comporta, na visão destas autoras, uma dimensão política, que é a relação de poder entre os sexos.

Sem pretender negar a diferença biológica entre os sexos, o conceito de gênero que é aqui utilizado considera que os diferentes papéis sexuais são historicamente determinados e socialmente construídos.

Outra reflexão importante a ser fazer, ao se abordar o conceito de gênero, é apontada por Leal e Boff (1996). Segundo estas autoras, os estudos de gênero apareceram essencialmente como uma mudança de “rótulo” para significar “estudo de mulheres realizados por mulheres”. Ao fazer um inventário da problemática “gênero” estas autoras mostraram que embora o homem estivesse ausente deste campo o mesmo não ocorreu no campo das ciências sociais em geral, onde o homem não esteve ausente nem como sujeito, nem como objeto:

O foco dos estudos sobre “cultura popular” e “classe operária” foram sempre essencialmente masculinos, como se – no nível das categorias sociológicas – eles (os homens) tivessem consciência e nós (mulheres) tivéssemos “identidade”. Isto implica o seu inverso, o que talvez seja uma equação mais perversa ainda, ou seja: eles (os homens) não têm identidade e nós (mulheres) não temos consciência. (Leal e Boff, 1996:120)

As identidades de gênero masculina e a feminina têm sido, tradicionalmente, caracterizadas por dualismos hierárquicos, os quais, segundo Wilshire (1997), estão na base da epistemologia ocidental e do pensamento moral. Estes dualismos ou binarismos diferenciam homens e mulheres de forma hierárquica, associando aos homens atributos socialmente valorizados e às mulheres aqueles socialmente desvalorizados. Assim, oposições como mente/corpo, razão/emoção, objetivo/subjetivo, público/privado, produção/reprodução, ativo/passivo, entre outras, têm servido para caracterizar o masculino e o feminino, respectivamente, e constituem a base sobre a qual se assenta a relação de desigualdade entre homens e mulheres.

Leal e Boff (1996) suscitam a necessidade de reflexão sobre a permanência destes binarismos nos estudos de gênero quando estes estruturaram, solidificaram e cristalizaram temáticas como “reprodução” com a ausência do masculino e quando iniciaram os estudos sobre a identidade masculina tendo como foco a sexualidade. Estas autoras enfatizam a importância de se abordar gênero e as masculinidades e feminilidades enquanto relações e não como esferas estanques, dissociadas, sem relação uma com a outra.

Entretanto, conforme alguns autores têm apontado, vêm emergindo à partir da chamada "revolução sexual" novos modelos de masculinidade e feminilidade, os quais baseiam-se no ideal de "igualdade". De fato, vêm surgindo e se consolidando novos papéis e práticas sexuais. Mas como "a mudança social é um processo no bojo do qual

práticas e ideologias relacionadas ao velho padrão coexistem e se entrelaçam com outras, que representam o novo" (Salem,1980; Luz,1987; Goldenberg, 1991, apud Giffin, 1999:54), ainda hoje encontram-se bastante ativos, na constituição das identidades masculina e feminina e em suas práticas sexuais, valores e comportamentos hierárquicos e igualitários.

Quanto à revolução sexual, seria mais correto falar que esta "revolução" trouxe mudanças mais gerais ao papel feminino, tendo a mulher conquistado lugar nos espaços públicos e no mercado de trabalho, obtido maior estímulo para exercer sua sexualidade etc. Esta igualdade significou, e talvez ainda hoje signifique, a aquisição pelas mulheres de direitos os quais, até então, somente os homens gozavam.

Dentre estes direitos ou até privilégios, conforme alguns deles são vistos, que sempre foram prerrogativas dos homens, está o exercício da sexualidade fora do casamento. A sexualidade que, nas mulheres, constituiu-se, tradicionalmente, em objeto de controle social, nos homens seu exercício é um dos pólos estruturantes da identidade masculina tradicional (Nolasco, 1995; Barker & Loewenstein, 1997 apud Giffin, 1999). A sexualidade masculina, tem sido considerada uma força incontrolável, impulsionada biologicamente e marcada pelo modelo de atividade. Uma outra característica desta sexualidade que interessa, mais especificamente, aos propósitos deste estudo, é a dificuldade masculina em relacionar sexo e afeto (Giffin,1999:56).

Tendo como base o ideal de igualdade, é importante refletir sobre a forma pela qual a sexualidade vem sendo "moldada" na atualidade. Alguns autores afirmam que muitas mudanças ocorreram no comportamento sexual feminino sem que o mesmo tenha ocorrido com o papel masculino. Um destes autores é Oliveira (1983:36) que afirma que, contrariamente às leis da psicologia social, segundo as quais nenhum papel pode ser representado em solo, pois os papéis sociais são interdependentes, o papel feminino mudou sem que o papel masculino fosse fundamentalmente tocado.

Tal afirmação corroborada por outros autores, como já assinalado anteriormente, suscita a indagação sobre a possibilidade de terem ocorrido mudanças significativas somente para um dos gêneros e se isto não seria a negação da perspectiva relacional de gênero que foi adotada neste trabalho. O caminho para responder a estas questões pode estar em uma outra questão: Qual o sentido em que vem se dando esta mudança na sexualidade feminina?

A observação do modelo de sexualidade apregoado na sociedade contemporânea demonstra que este baseia-se na dissociação entre amor e sexo, outrora característica da sexualidade masculina (Feuerstein,1994;Bauman,1998;Giffin,1998;

Caridade,1999). Então, pode-se deduzir que a igualdade conquistada pelas mulheres neste terreno consistiria na aquisição da "capacidade" de realizar esta dissociação. Mas seria esta aquisição capaz de satisfazer os anseios femininos? Conquistar a igualdade significa adequar-se ao modelo masculino?

Oliveira aponta que o conceito de igualdade traz ambigüidades e contradições para as mulheres, que, para serem respeitadas, têm que ser iguais aos homens e, para serem amadas, têm que ser mulheres. Esta autora propõe uma nova formulação de igualdade: "Esta não se resumiria mais no acesso das mulheres ao mundo dos homens sob forma caricatural, mas compreenderia uma exigência de contrapartida, o acesso dos homens aos territórios do feminino" (Oliveira, 1983:37).

As ideologias e valores que caracterizam o masculino e o feminino, algumas hierárquicas, outras igualitárias, outras contraditórias, concretizam-se na constituição das identidades e relações de gênero. Para se compreender o que significam os termos *identidade de gênero* e *relações de gênero* é necessário se fazer algumas considerações a respeito dos termos *identidade* e *personalidade*.

Definir padrões de identidade, conforme afirma Fiori (1982), constitui uma tarefa complexa, na medida em que há divergências de um para outro modelo teórico.

Bohoslavsky (1976, apud Fiori, 1982), ao buscar conceituar identidade para organizar seu modelo clínico de orientação vocacional, recorre à definição psicossocial de Erikson (1971), a qual define a aquisição de identidade em três compartimentos centrais: sexual, profissional e ideológico (político-religioso). Partindo das fases da evolução da libido descritas por Freud, Erikson "socializa" as etapas da evolução, fazendo corresponder a cada uma delas uma aquisição que o indivíduo deve realizar em sua interação com o mundo.

Fiori aponta que o senso comum costuma utilizar indistintamente os termos *personalidade* e *identidade*, sendo o primeiro frequentemente associado aos padrões de conduta esperados e o segundo, utilizado para expressar a definição da ideologia pessoal de mundo, isto é, as aquisições concebidas por Erikson. Entretanto, conforme enfatiza Fiori, estes dois conceitos são extremamente interdependentes, na medida em que é impossível dissociar nossas aquisições de nossa conduta.

Para os fins a que se destina este estudo, interessa, mais do que compreender o conceito de identidade e de que forma este interrelaciona-se com o conceito de personalidade, definir em que consiste a identidade de gênero e a forma pela qual esta encontra-se interligada às relações de gênero.

Da mesma forma que os termos personalidade e identidade, ou seja, a conduta e a ideologia pessoal são indissociáveis, identidade e relação de gênero também o são. Esta afirmação baseia-se no fato de que as formas como homens e mulheres conduzem-se no mundo, estabelecem relações entre si e com seus pares e vivenciam experiências, estão intimamente ligadas às suas ideologias de gênero, ou seja, àquilo que caracteriza o masculino e o feminino.

A construção da identidade sexual feminina na nossa sociedade, parte, na visão freudiana, da incompletude, da falta do pênis, órgão anatômico supervalorizado pela cultura (Grupo Ceres, 1981). Com isto, a mulher define-se pela ausência de alguma coisa culturalmente importante, que nem ela própria sabe o que é. Ela é localizada, dentro do discurso patriarcal tradicional de nossa cultura, na posição de objeto e sua fala é a do oprimido, hierarquicamente inferior. Coerentemente com este papel, ela desenvolveria sua identidade através dos mecanismos da passividade, ao atribuir a si própria o papel de coadjuvante, e do desconhecimento, ao negar o conhecimento que possui em relação ao seu próprio corpo e sexualidade, no sentido de cumprir o modelo de pureza que nossa cultura estabelecia para a mulher. Ao mesmo tempo, as mulheres podem, ativamente, utilizar estratégias baseadas na passividade e no desconhecimento para conseguir os resultados que desejam.

Em seu artigo, Anyon (1990) discute as respostas de mulheres e meninas de diferentes classes sociais à contradição entre feminilidade e auto-estima; contradição esta que se coloca quando as meninas se deparam com ideologias que determinam o que é um comportamento adequado para elas, enquanto mulheres, e outras ideologias que apontam quais são, na sociedade norte-americana, os meios adequados para se adquirir auto-estima. O papel adequado às mulheres envolveria, entre outros aspectos, cuidado dos homens e crianças em situação doméstica, submissão e não competitividade com homens fora do espaço doméstico e submissão sexual. A aquisição de auto-estima naquela sociedade, por seu lado, envolveria, por exemplo, a conquista de sucesso no mundo competitivo e não doméstico do trabalho.

Anyon afirma que a maioria das mulheres e meninas realizam uma luta ativa no sentido de conciliar ou superar os conflitos envolvidos na condição de ser mulher, ou seja, não aceitam nem rejeitam a feminilidade totalmente, mas fazem concessões a ela e às demandas contraditórias de feminilidade e auto-estima. “Adaptam a feminilidade a seus próprios objetivos, resistem a ela por meios sutis e usam-na para evitar suas conseqüências” (Anyon, 1990:18).

Na visão de Anyon, a construção da identidade de gênero feminina envolve um processo permanente de acomodação e resistência, processo este que constitui resposta ativa das mulheres adultas às ideologias contraditórias de papéis sexuais. Entretanto, segundo sua observação, a acomodação e a resistência individuais são ações defensivas que não pretendem transformar as estruturas patriarcais ou outras estruturas sociais, mas obter certa proteção dentro destas estruturas.

A identidade sexual masculina, por outro lado, constrói-se, comumente, em nossa sociedade, pelo não ser, ou seja, negativamente contra a mãe, ou mais especificamente, a mulher. Conforme afirma Corneau (1995), ao abordar o papel do pai na construção da identidade masculina, "ser homem significa não ser mulher". Como pode-se observar, nesta forma mais tradicional de construção da identidade masculina o homem constitui-se em oposição binária à mulher. Embora o autor tenha feito esta afirmação em relação aos meninos que não têm um pai em que se apoiar e em relação ao qual possam desenvolver positivamente sua identidade, cabe ressaltar que esta ausência não é, necessariamente, física, mas resultante da divisão sexual do trabalho. Nos termos de Corneau, trata-se de um pai com o qual o menino aprende que "ser homem significa amputar seu corpo e seu coração sem poder chorar. Ser homem significa ser capaz de cometer violência contra seus próprios sentimentos, contra suas próprias emoções, contra seu próprio corpo" (p.47). Este homem que não faz contato com sua interioridade é, conforme aponta este autor, um homem completamente escravizado pelos modelos sociais.

Dentre os aspectos que tradicionalmente compõem a identidade masculina, pode-se destacar o papel de provedor que o homem deve desempenhar perante a família e uma sexualidade que é considerada como uma força incontrolável, impulsionada biologicamente, independente das relações de afeto.

Entretanto, vários autores que têm tratado da questão do masculino sinalizam para mudanças que vêm ocorrendo neste modelo. Luz (1987 apud Giffin, 1999) aponta para uma "crise nas representações" do masculino e do feminino e para uma contestação dos padrões tradicionais de ambos os sexos, mesclada a uma perplexidade e a um receio por parte do público masculino, principalmente.

Na medida em que consideramos a construção da identidade e das relações afetivo-sexuais a partir de uma perspectiva relacional e que, como já foi descrito anteriormente, o papel sexual e social feminino tem-se transformado de forma bastante significativa nos últimos anos, era de se esperar que estas transformações ocorressem com a mesma intensidade no papel masculino.

É claro que, com esta afirmação, não se pretende negar que há diferenças, inclusive biológicas, entre homens e mulheres, mas sim que estas diferenças não justificam que a relação entre o masculino e o feminino seja estabelecida em termos hierárquicos, onde ao masculino é atribuída uma posição de superioridade e ao feminino a de inferioridade. Também não se pretende aqui afirmar que estas relações podem ser facilmente transformadas, bastando, para isso, ações informativas e educativas. É importante considerar que embora os valores sexuais igualitários sejam assimilados pela subjetividade humana os valores hierárquicos podem permanecer. Ao coexistirem, estes valores, muitas vezes conflitantes entre si, têm gerado e ampliado posturas contraditórias em homens e mulheres.

Giffin (1998), no texto em que discute a questão da prevenção da AIDS em relações heterossexuais, considera que a constante adaptação da heterossexualidade na sociedade de consumo não constitui resultado de uma política de identidade coletiva, essencial no sentido de "empoderar" definições contra-hegemônicas da sexualidade, conforme foi demonstrado pelas conquistas do movimento gay. Segundo esta autora, o sucesso do movimento gay também parece sugerir que tem sido mais fácil abandonar a heterossexualidade do que mudá-la.

A questão é que as oposições binárias (mente x corpo, razão x emoção, objetivo x subjetivo, etc.) que ao longo da história caracterizaram o masculino e o feminino, tornam a relação intergênero um pólo de desencontros, como se homem e mulher caminhassem cada um em uma paralela tornando, desta forma, o encontro impossível.

Conforme Paiva (1994) aponta, embora tenha havido muitas mudanças no campo das idéias e no peso da ideologia de gênero da classe média urbana e mais liberal, veiculada pela televisão, a capacidade de negociação da mulher está ainda limitada pelo seu menor poder no interior das relações. Quem determina a forma e o ritmo das relações sexuais ainda é o homem.

III SEXUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Diversos autores têm abordado a questão da sexualidade na contemporaneidade, apontando modificações oriundas da chamada "revolução" ou "liberação" sexual, que trouxeram diversas mudanças no campo da sexualidade, especialmente no que diz respeito às mulheres (Werebe, Kehl e Chauí, 1981). Entretanto, embora estas modificações sejam vistas como avanços na área do comportamento e dos direitos sexuais, algumas delas podem ser vistas como trazendo diversas distorções na relação das pessoas com seus corpos, com sua sexualidade, com seus sentimentos e com as outras pessoas.

Packard (1968, apud Feuerstein, 1994), ao abordar o estado do relacionamento homem-mulher no final da década de 60, considera que este processo é caótico demais para ser descrito como uma "revolução", na medida em que "uma revolução implica um movimento claro realizado em uma direção bem compreendida e geralmente apoiada" (Feuerstein, 1994:15). A expressão que este autor utilizou para descrever este processo foi *deserto sexual*.

Feuerstein (1994), por seu lado, caracteriza a época contemporânea como *era da confusão sexual* e utiliza o termo *terra inculta*, em substituição à expressão *deserto sexual* de Packard, para descrever o sentimento de perplexidade geral em relação ao sexo e às suas conseqüências morais na década de 90. Segundo este autor, o termo proposto por ele é mais adequado, tendo em vista que, mais do que estar simplesmente confusas sexualmente, as pessoas encontram-se perdidas em uma paisagem cultural que parece não ser capaz de sustentá-las moral e espiritualmente. Enquanto no passado, a tradição dizia como elas deviam se comportar e o que deveriam pensar, nos dias atuais, em vez disso, elas são bombardeadas com muitas opções e, aparentemente, estão mais livres do que nunca diante das escolhas que podem fazer. Contudo, conforme ele aponta, parece que as pessoas perderam o dom de fazer bom uso desta liberdade, o que as tem enredado em confusão e sofrimento.

Para Feuerstein, tal confusão sexual tem uma de suas raízes na lógica de mercado, que transforma quase tudo em produto, vendável como objeto de consumo, assim como na ideologia do imediatismo e do utilitarismo que baseiam a sociedade contemporânea. No atual campo da sexualidade encontramos a ênfase no desempenho sexual, a valorização do sexo sem envolvimento e a desqualificação da relação afetivo-

sexual. Feuerstein ilustra esta idéia ao afirmar que a sociedade contemporânea utiliza o sexo para vender tudo e que os anúncios nunca deixam de estimular o desejo sexual.

Este mesmo autor argumenta que o ato sexual isolado não traz satisfação, mesmo que alivie, e que esta ênfase dada ao sexo está relacionada à negação obstinada ou difamação da existência corporal em certas culturas. A conseqüente dissociação corpo-espírito, corpo-mente e homem-natureza possibilita-nos lançar luz sobre a questão do sexo sem envolvimento e, inclusive, sobre os conflitos que emergem na relação homem-mulher neste tipo de cultura.

Entretanto, a relevância do corpo torna-se contraditória em duas oposições binárias típicas da sociedade contemporânea: é desvalorizado quando considerado em oposição à razão, por ser considerado a sede da emoção e do sentimento e, conseqüentemente, da irracionalidade; por outro lado, é valorizado quando considerado como fonte de impulsos biológicos que "exigem" serem satisfeitos, independentemente da emoção. Como pode-se depreender da afirmação anterior, em ambas as oposições citadas, a emoção e os sentimentos, expressões comumente associadas ao feminino, é que são desvalorizadas.

Giffin (1998) cita uma importante consideração de Philipson (1984), segundo a qual a ideologia do sexo sem envolvimento emocional, originalmente promovida pela revista Playboy, tem avançado desde 1950. Ela aponta que "o capitalismo moderno tem atrelado a sexualidade e a 'liberação sexual' para propósitos desumanizantes." Neste, "...o desejo sexual feminino - que é freqüentemente distinguido por uma aversão ao sexo despersonalizado e uma necessidade de intimidade e proximidade - é visto como inadequação." ¹

Shere Hite (1976, apud Feuerstein, 1994), em seu relatório sobre a sexualidade feminina, afirmou, em sua conclusão, que a grande maioria das mulheres deseja o sexo acompanhado de sentimento. Segundo a autora, esta demanda feminina tem provocado eco entre os homens mais sensíveis, ou seja, têm despertado a atenção dos homens para a importância da associação entre sexo e afeto.

É claro que muitos fatores operam conjuntamente na configuração da sexualidade na contemporaneidade, entre elas as determinações sócio-econômicas-culturais já citadas até aqui. As oposições binárias (passivo/ativo; corpo/mente; emoção/razão, etc.) que tradicionalmente constituíram as identidades de gênero e os pa-

¹ "Modern capitalism has harnessed sexuality and sexual 'liberation' for desumanizing purposes..." Where despersonalized sex is seen as normative, "...women's sexual desire - which is often distinguished by an aversion to despersonalized sex and a need for intimacy and closeness - is seen as an inadequacy" (Philipson, 1984 apud Giffin, 1998:155).

péis sexuais, em sua coexistência com os novos modelos de masculinidade e feminilidade trazidos na atualidade, também têm um importante papel nesta configuração, contribuindo para o cenário de "confusão sexual".

A questão da insatisfação na vida sexual foi descrita de forma bastante interessante por Feuerstein, com pode-se ver a seguir:

Hoje, 20 anos depois, sabemos que os casamentos abertos , os orgasmos múltiplos e os vibradores não contribuem para a felicidade. Conseguimos perceber mais claramente a chamada exploração do sexo praticada pelos meios de comunicação em massa. Também conseguimos julgar melhor o abismo existente entre o sexo livre-para-todos prometido pela revolução sexual e a realidade opaca do nosso quarto de dormir.

Caridade (1999) traz uma importante contribuição à esta reflexão, utilizando, para isto, a análise de Guy Debord (1997), em Sociedade do Espetáculo, sobre a vida no tipo de sociedade em que vivemos:

...uma sociedade em que a vida é pobre e na qual os indivíduos são obrigados a contemplar e consumir passivamente imagens de tudo o que lhes falta na vida real. A vida torna-se assim uma imensa acumulação de espetáculos. Na medida em que assiste passivamente aos espetáculos, o indivíduo aliena-se, não vive, consome imagens e ilusão (Caridade, 1999:207).

A respeito da lógica da Sociedade do Espetáculo, o próprio Debord (1997 apud Caridade, 1999: 207) conclui que "o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana - isto é, social - como simples aparência". Sobre esta análise, Caridade acrescenta que é nesse contexto do aparente, do revelado, do espetacular, que a sexualidade é mostrada e vendida como mercadoria.

Bauman (1998 apud Caridade, 1999) compara a modernidade e a pós-modernidade distinguindo que os mal-estares da primeira provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual, enquanto os da última provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais (Caridade, 1999: 208). A este respeito Caridade conclui que o contexto pós-moderno da vivência do sexo tem como características a *liberdade* e a *insegurança*.

O romancista, teólogo e sociólogo Andrew M Greeley (apud Feuerstein,1994) aponta um caminho a ser seguido por homens e mulheres no sentido de encontrarem uma saída para este sentimento de mal-estar ou, conforme o termo aqui utilizado, para a "confusão sexual":

Quase todos homens e mulheres sabem que são capazes de conseguir muito mais da própria vida sexual do que se permitem sentir; sabem também que no

prazer sexual e nos jogos de amor existe um espaço imenso onde podem crescer e se desenvolver desde que encontrem tempo, energia, coragem e honestidade para partir em busca desse desenvolvimento (Feuerstein,1994:23).

Torna-se fundamental para contextualizar a reflexão a que se propõe este estudo, fazer algumas considerações sobre a especificidade da cultura sexual brasileira.

Richard Parker (1991, apud Paiva, 1994:233) afirma a existência de uma cultura sexual brasileira hegemônica em que se articulam pelo menos cinco subsistemas ideológicos:

1. *uma ideologia de gênero patriarcal cujas polaridades são o feminino/passivo e o masculino/ativo.*
2. *o discurso religioso judaico-cristão da tradição ibérica onde os valores são o casamento, a monogamia e o sexo procriativo.*
3. *o discurso da higiene social do século XIX em que se define a sexualidade saudável e a doentia.*
4. *o discurso feito pela "ciência moderna do sexo", que enfatiza a informação científica sobre o sexo, a escolha individual e as verdades pessoais.*
5. *a ideologia do erótico, aquela que define o brasileiro como sensual e sedutor, cuja norma é transgredir a norma para obter prazer, um subsistema que surge com mais força na constituição dos grandes centros urbanos no século XX, mas que sempre esteve presente articulado com os outros, como contra-subsistema.*

Quanto ao último subsistema citado, cabe questionar se a transgressão da norma para obter prazer é autorizada, igualmente, a homens e mulheres. A observação possibilita pensar que esta transgressão, em consonância com a ideologia de gênero patriarcal, geralmente só é socialmente permitida e incentivada aos homens, constituindo um fator de desqualificação moral e social para as mulheres.

As considerações anteriores sobre a sexualidade na contemporaneidade e a breve exposição sobre a cultura sexual brasileira, quando articuladas ao tema desta dissertação, suscita a reflexão a respeito da forma como estrutura-se a sexualidade do adolescente no contexto da sociedade brasileira contemporânea.

Sexualidade na Adolescência

Ávila (1996), ao abordar a questão dos direitos reprodutivos e sexuais, faz algumas considerações a respeito da sexualidade que contribuem para uma melhor compreensão deste tema:

... a sexualidade é um domínio cercado de mistérios, tabus, proibições, ao mesmo tempo em que tem sido, secularmente, um discurso repetido até a exaustão, uma fala pública para uma prática privada, vivida como domínio de pura emoção, da natureza...A sexualidade, como já afirmamos anteriormente, tem sido fortemente regulada, não tanto no âmbito da legislação, mas das relações cotidianas: é a religião, a família, a medicina, a psicanálise, a mídia que se constituem em elaboradores e repassadores de códigos e definições. Paralelamente, ela é o lugar por excelência de transgressão, numa eterna e séria brincadeira de ocultação e desvelamento (pp.:166-167).

Para compreendermos de que forma estrutura-se a sexualidade na adolescência temos que levar em conta os aspectos da maturação fisiológica que ocorre na puberdade, as mudanças psíquicas e comportamentais que se dão neste período da vida, a cultura sexual da sociedade em que o adolescente se constituiu e encontra-se inserido e a forma como estes três aspectos se interrelacionam. A adolescência, assim como a sexualidade, mais do que fenômenos universais e transculturais, são fenômenos moldados por influências econômicas e políticas (Paiva, 1996: 215).

Na sociedade brasileira atual, mais especificamente, espera-se que a sexualidade apareça naturalmente na adolescência e é amplamente aceitável que os jovens sejam sexuados. Entretanto, esta sexualidade deve ser diferenciada por gênero e se estabelecer na adolescência como uma sexualidade heterossexual e não-reprodutiva (Paiva, 1996: 214).

Os números da epidemia de gravidez adolescente e da AIDS, por sua vez, reelaboraram a sexualidade adolescente como um problema social, na medida em que o medo e a repressão foram alimentados por estatísticas que ressaltam as conseqüências negativas da atividade sexual na adolescência. A partir de então, a sexualidade adolescente pode ser vista como um problema de saúde pública, além de um problema moral (Paiva,1996:214).

A dimensão sócio-cultural da constituição da sexualidade se dá especialmente através da educação sexual que ocorre de duas maneiras conforme a distinção de Werebe (1981:106), das quais o primeiro tipo, mais especificamente, contextualiza o segundo:

1º) a educação sexual informal, processo global, não intencional, que engloba toda ação exercida sobre o indivíduo, no seu cotidiano, desde o nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre sua vida sexual;

2º) a educação sexual formal, deliberada, institucionalizada, feita dentro ou fora da escola.

Segundo afirma a mesma autora, "quando a educação sexual sistemática começa, os educandos já foram 'marcados' pelas ações informais. Afora os valores e normas que lhes foram inculcados, trazem consigo uma série de informações e deformações sobre as questões sexuais." Até a não informação é, conforme afirma Werebe, uma forma de informação: "o silêncio em torno das questões sexuais constitui certa forma de orientar" (Werebe, Kehl e Chauí, 1981:107).

A educação sexual formal dos adolescentes, que constituiu-se, na década de 90, pela estratégia da "promiscuidade", do "medo", da "ameaça de morte" e do "outro perigoso" (Paiva e Alonso, 1992), devido às epidemias de gravidez na adolescência e de AIDS, mostrou-se absolutamente ineficaz. A eficácia destas práticas depende, conforme afirma Paiva (1994) do incentivo ao *sujeito sexual*, o agente que regula sua vida sexual, a elaborar múltiplas forças que resultam no "sexo arriscado" como a paixão, o amor, o vínculo real ou desejado, ou os papéis e normas das diversas subculturas sexuais e de gênero.

Ser sujeito sexual, segundo Paiva (1996: 216), significa na prática:

- a) desenvolver uma relação negociada com as normas da cultura, familiar e de grupo de pares;
- b) explorar (ou não) a sexualidade independentemente da iniciativa do parceiro;
- c) conseguir dizer não e ter esse direito respeitado;
- d) negociar práticas sexuais que sejam prazerosas para si, desde que aceitas pelo parceiro e consensuais;
- e) conseguir negociar sexo seguro;
- f) ter acesso aos meios materiais e serviços para efetuar escolhas reprodutivas, contraceptivas e de sexo seguro.

Holland e outros (1992 apud Paiva, 1996:217) definem três níveis em que o *sexual empowerment* pode se dar:

- 1) o nível intelectual: é o nível de conhecimento, expectativas e intenções que trazemos para um encontro sexual;
- 2) o nível da experiência: é a prática sexual propriamente dita;
- 3) o nível transitório: é aquele em que podemos controlar os encontros sexuais em algumas situações e em outras não. Este nível aponta para determinadas situações nas quais há discordância entre a capacidade das mulheres

pesquisadas por estes autores se sentirem *empowered* e a capacidade de colocar as intenções em prática.

Uma pesquisa da BENFAM (1989/1990) junto a jovens de três capitais brasileiras demonstrou a importância dos amigos, que são a principal fonte de informação sobre sexo entre este segmento, sendo, geralmente, com eles que as crianças e os adolescentes aprendem o que significa e como se faz sexo.

É claro que temos que ter em mente que a educação sexual e as mudanças sociais que se dão em relação a este aspecto não são absorvidas pelos indivíduos sem qualquer elaboração. Na constituição da subjetividade destes, determinados aspectos são incorporados, outros são rejeitados, uns recebem maior ênfase, outros menor. As informações são incorporadas diferentemente por cada pessoa, constituindo sua identidade e seu comportamento como um mosaico, tornando cada pessoa um ser único, embora semelhante a outros em diversos aspectos. Alguns autores (Parker, 1991; Paiva, 1990) demonstraram que os *scripts* sexuais que internalizamos são construídos por culturas sexuais que possuem contradições internas e estas contradições são utilizadas pelas pessoas a seu serviço mais ou menos plasticamente, mais ou menos criativamente.

Caridade (1999:208) utiliza a imagem de um beija-flor para ilustrar a sexualidade adolescente, no sentido de exprimir que "o adolescente é alguém que experimenta sua sexualidade na rapidez, na leveza e na diversidade", embora afirme, logo a seguir, que não considera a imagem adequada dada a pouca leveza da vida contemporânea .

Segundo esta autora, é a *pulsão beija-flor* que anima o investimento sexual do adolescente e a prática do *ficar* é expressiva dela. Conforme sua descrição, "na ética adolescente, 'ficar' significa não ficar, não ter compromisso com amanhã, não criar vínculos definitivos. É pois não ficando quando 'ficam', que eles ensaiam, descobrem, experimentam, conhecem sensações, sem os 'pudores' de outras gerações" (Caridade, 1999:208-209).

Arilha e Calazans (1998) apontam que, embora a prática do "ficar" seja corrente no Brasil há pelo menos 15 anos, ainda causa certo impacto por ter, de certa forma, modificado a seqüência linear partia de um primeiro envolvimento afetivo ao físico, até o comprometimento de um casamento. Estas autoras descrevem quatro formas de relacionamento possíveis entre os jovens, com base na descrição de Afonso (1997): o "ficar", o "rolo", o "namoro" e o "casamento" que expressam, cada uma delas, um tipo de envolvimento físico e diferentes graus de comprometimento afetivo.

O "ficar" é definido como um relacionamento eventual, com algum tipo de envolvimento físico, porém raras vezes implica em relacionamento sexual. Os aspectos enfatizados, neste tipo de relacionamento, são a instabilidade, a eventualidade e o não compromisso com os parceiros, enquanto no "rolo" há uma certa repetição de práticas sexuais com a mesma pessoa, ainda que sem compromisso. No namoro haveria um grau de compromisso maior, não somente entre as pessoas envolvidas, mas também entre as famílias envolvidas.

Lavinas (1997 apud Arilha & Calazans, 1998), com base em seu estudo com jovens de classe média alta em escolas particulares do Rio de Janeiro, indica que o "ficar" é experienciado como uma prática geracional e não específica de um dos sexos. Quanto à esta afirmativa, cabe pensar se no contexto da sexualidade na sociedade contemporânea esta forma de relacionamento é mesmo geracional, ou seja, típica da adolescência, ou vem se tornando "a forma" padrão de relacionamento sexual e afetivo para todas as gerações. Quanto a não ser específica a um dos sexos, também cabe indagar se o "ficar" satisfaz igualmente as necessidades de ambos os sexos ou se um deles tem se acomodado às circunstâncias.

Arilha e Calazans afirmam que o que parece ter ocorrido é uma mudança importante no campo dos valores e repertórios sexuais entre garotas, que estariam mais afeitas às possibilidades de mudanças diante de sua sexualidade, de seu corpo sexual e erótico. Maior flexibilidade diante da virgindade e a possibilidade de "ficar" indicando percursos de uma sociedade mais permeável à aceitação de práticas sexuais mais inovadoras, que só puderam nascer em um contexto de transformação dos valores da sociedade em relação à sexualidade. No entanto, segundo estas autoras, "tais mudanças parecem ter atingido as jovens. Os rapazes sempre dispuseram de um conjunto de práticas sexuais que foram associadas à liberdade e que ainda se mantêm com poucas mudanças..."(Arilha e Calazans, 1998 : 691).

Uma referência utilizada por Paiva (1994) a respeito da subjetividade masculina e a feminina, em sua pesquisa com adolescentes, contribui para uma melhor compreensão desta questão:

A impressão que se tem é que estamos falando com jovens que têm uma clara noção de serem homens num mundo masculino, onde seus valores são os corretos. O que eles pensam e fazem todo homem no mundo faz. Não existe espaço para muita dúvida, é assim e pronto. As mulheres duvidam mais a respeito do seu mundo, seus valores, suas verdades (Antunes et al., 1992 apud Paiva, 1994).

Estas afirmativas tornam fundamentais algumas reflexões. Partindo de uma perspectiva relacional de gênero, ao se considerar que na cultura sexual brasileira há uma "dupla moral" diferenciada por sexo na qual à determinados comportamentos sexuais, tais como à virgindade, à fidelidade, ao livre exercício da sexualidade, ao direito de escolha dos parceiros, são atribuídos valores negativos ou positivos para homens e mulheres, cabe indagar: Que possibilidade de "encontro" ou acordo há entre estas moças e rapazes? Também o contexto de mudanças de valores da sociedade em relação à sexualidade, conforme descrito por Arilha e Calazans, deve ser melhor examinado. Outros autores não vêm de forma tão otimista a "liberdade sexual" da forma como esta se dá no contexto da contemporaneidade, na sociedade do espetáculo.

Para uma melhor compreensão do desenvolvimento da sexualidade do adolescente é necessário se remeter às considerações feitas anteriormente sobre a cultura sexual contemporânea, ou seja, sobre o contexto sociocultural mais amplo em que o jovem está inserido e desenvolve-se.

Werebe e outros (1981) questionam a existência de uma "revolução sexual" entre os jovens. Segundo estes autores, só se começou a falar nesta revolução quando um número maior de jovens dos países ocidentais avançados e de alguns setores das classes altas e médias de alguns países subdesenvolvidos começaram suas experiências sexuais pré-conjugais, mais cedo do que nas gerações precedentes. Ao ver destes, o julgamento de comportamentos fora das normas morais vigentes diferencia-se segundo a classe social. "Os 'desvios' são tolerados ou reprimidos em função da repercussão que podem ter sobre a 'ordem estabelecida' dos interesses sócio-políticos em jogo, dos meios de que dispõe a sociedade para fazer respeitar as tradições e as leis" (Werebe, Kehl e Chauí, 1981:108).

Cabe acrescentar ao que foi dito anteriormente, mesmo dentro de uma classe social específica, podem existir subgrupos que comportam-se diferentemente em relação a determinados padrões de conduta sexual. Se a classe social não pode, por si só, ser considerada um critério que determine uma maior ou menor freqüência de determinado comportamento sexual, fatores tais como religião e organização familiar, entre outros, podem favorecer ou não a ocorrência de comportamentos diferentes daquele que é mais comum dentro de uma determinada classe social.

Caridade (1999), também lança luz sobre estas questões ao abordar o contexto da "Cultura do Narcisismo" e suas influências na subjetividade e na sexualidade dos jovens. Este contexto que, segundo a autora, caracterizado pela fragmentação em mínimos "eus" e por ser a terra do "salve-se quem puder" é aquele em que o adolescente

desenvolve sua sexualidade. O afeto que, neste contexto, tem menos valor que o desempenho, é posto à margem. Ao manter sua atenção no corpo, o sentido da alteridade vai perdendo a força. O jovem pode responder a esta realidade fazendo uso do outro "como mero instrumento de satisfação narcísica, objeto descartável após cota de prazer desejada". Este contexto narcísico de satisfação favorece a emergência da intolerância, da violência, da desconfiança para com o outro, não constituindo, portanto um contexto saudável, psíquica e socialmente, para estréias amorosas e sexuais dos jovens (Caridade, 1999:207).

Ao abordar a constituição da subjetividade do adolescente contemporâneo na "sociedade do espetáculo", Caridade afirma que este vive sua sexualidade em meio a referências que invadem seu imaginário, constituindo-se em ator integrante do espetacular de nossa cultura e, como tal, é continuamente convocado a consumir imagens mais que a refletir, a elaborar, ou a pensar. Nesse embotamento reflexivo, é difícil, para o adolescente, construir projetos pessoais, que lhe possibilitem reconhecer-se como alguém de valor. "Sem projetos, fica sem motivo para valorizar a si mesmo e a vida. Na auto-desvalorização, ele banaliza também o outro" (Caridade, 1999:207-208).

Ainda segundo esta autora, a sexualidade que vem sendo estimulada, insinuada, onde os adolescentes vêm sendo chamados a inventar é baseada no "exibicionismo de corpos, o voyeurismo de contemplá-los, e o fetichismo de consumi-los. Uma sexualidade vivida no corpo, e não na pessoa. Mais desempenho e sensação que sentimento. Mais uso do outro do que partilha. Mais quantidade que qualidade" (p. 210).

Tendo em mente estas considerações, é fundamental investigar, neste estudo, até que ponto as formas de relacionamento afetivo-sexual "tipicamente" adolescentes, que envolvem experimentação e descompromisso, e, por outro lado, emoções intensas, são influenciadas, transformadas e, até "perpetuadas" pelos valores sexuais da sociedade do espetáculo.

IV METODOLOGIA

A pesquisa de campo que subsidiou este estudo foi desenvolvida no posto de saúde do bairro do Carangola, no município de Petrópolis, local onde trabalho há 11 anos.

O Carangola é um bairro composto por estratos sociais diversos. Em sua ampla área podemos ver desde casas luxuosas até residências muito precárias. Não há, entre os moradores, padrões de vida e valores uniformes que o unifiquem. Torna-se, portanto, inadequado utilizar aqui o termo "comunidade", já que a população que habita este local não tem a homogeneidade necessária para ser caracterizada desta forma. Por isso, a amostra que foi investigada é parte do conjunto de alunos da Escola São Geraldo, anexa ao posto, devido ao fato de esta população ser aquela com quem tenho um contato mais freqüente e duradouro, pois são, em sua maioria, freqüentadores da unidade de saúde. Cabe ressaltar que, as conjecturas, as impressões e hipóteses expressas até aqui a respeito da população do bairro, na verdade referem-se a este grupo populacional.

O trabalho como psicóloga, durante um período considerável de tempo, neste posto de saúde possibilitou-me, pelas próprias características intrínsecas ao atendimento clínico, conhecer qualitativamente e em profundidade uma parcela significativa de seus usuários, fossem eles crianças, adolescentes ou adultos. Dentre esta clientela, uma parcela tornou-se foco especial de meu interesse: os adolescentes. O atendimento individual e os grupos de adolescentes me permitiram uma aproximação e uma melhor compreensão da visão de mundo e sentimentos desta clientela. Neste bairro, onde a vida parece transcorrer lentamente e de forma mais ou menos uniforme e cristalizada para alguns grupos etários, tais como as crianças e as mulheres, a vida dos adolescentes marca a diferença. Ao lidarmos com eles temos a sensação de que ali há um foco de mudança, de inovação, de questionamento de padrões de pensamento e conduta já cristalizados nos adultos, de ruptura. Entretanto, também encontramos nestes o reiteramento dos valores hierárquicos, a reprodução de representações e preconceitos sexuais de gênero. Esta visão é fruto da observação e da experiência.

Na medida em que práticas e ideologias relacionadas ao velho padrão de masculinidade e de feminilidade coexistem e se entrelaçam com outras, que representam o novo, os estudos desses temas, dinâmicos, terão que lidar não somente com os estereótipos e as representações estabelecidas do que é 'ser homem', mas também com

as posturas individuais e de grupo amplamente diferenciadas perante esses padrões (Giffin, 1999).

Para tentar se compreender como os adolescentes do Carangola organizam os padrões sexuais hierárquicos e igualitários na estruturação de sua identidade e em suas relações afetivo-sexuais, foi fundamental a utilização de uma técnica que permitisse um exame mais aprofundado: a entrevista.

A importância da entrevista, enquanto ferramenta, nesta pesquisa, deve-se ao fato desta permitir ouvir individualmente o entrevistado, tendo em vista que ele é um representante da sociedade mais ampla que, através de um contato mais estreito com o entrevistador, permitirá compreender como os valores sociais mais amplos são vivenciados pelo sujeito. Através desta técnica fundamental torna-se possível realizar um exame mais aprofundado dos valores sexuais dos adolescentes, originários da educação informal e formal recebida nos diversos espaços sociais, e a maneira como incorporam e lidam com estes valores na organização de sua identidade e relações de gênero. A entrevista também torna possível compreender de que forma o indivíduo lida pessoalmente com os valores e normas sociais, de que forma enfrenta as contradições entre os valores sexuais hierárquicos e tradicionais, e de que forma estes valores encontram-se organizados na constituição de sua identidade e relações de gênero.

Para compreendermos a importância da realização das entrevistas individuais neste estudo, torna-se relevante nos remetermos a Figueira (1987), que aponta o papel do sujeito na *dimensão invisível da mudança social*. Para este autor, o sujeito é a parte mais importante da dimensão invisível da mudança social na medida em que uma reflexão sobre ele e seu papel no estudo deste processo permite, mais do que a mera constatação de que o novo e o moderno convivem com o arcaico e o antiquado, "mostrar os diferentes regimes desta convivência e tornar inteligíveis algumas das suas condições sociais e subjetivas" (p. 14).

Os oito adolescentes entrevistados situam-se na faixa etária de 14 a 19 anos, sendo quatro deles do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Estes foram escolhidos dentre os alunos da escola anexa ao posto de saúde.

Eu pretendia, inicialmente, trabalhar com adolescentes selecionados aleatoriamente. Entretanto, dentre os alunos convidados, por aerograma, para participarem da pesquisa, nenhum compareceu. Uma outra tentativa de manter o critério de aleatoriedade foi feita, através de convite pessoal aos grupos de alunos nas salas de aula. Somente duas meninas atenderam a esta solicitação. Os meninos demonstraram clara resistência a participarem do processo.

A partir daí, decidi convidar meninos que são alunos da escola e que costumavam vir ao posto para se consultar ou para conversar. Por este motivo, como poderá se notar nas entrevistas, três dos meninos são mais do que simplesmente conhecidos, como os demais entrevistados. Eles são um grupo de amigos que muito cooperativamente decidiu “dar entrevista”, como eles próprios referiram.

As entrevistas realizaram-se na sala de atendimento psicológico deste posto. Esta sala foi considerada o local mais adequado para se realizar tal procedimento porque, dos lugares disponíveis na comunidade, este parece ser o mais neutro e ter a possibilidade de garantir a privacidade e o sigilo que tais procedimentos requerem.

Compuseram o roteiro básico de entrevista questões que buscaram o conhecimento e a compreensão dos seguintes aspectos: dados sócio-econômicos dos entrevistados, composição e orientações familiares, experiência afetivo-sexual, papéis femininos e masculinos, posicionamento diante de situações que expressem os valores sexuais hierárquicos e igualitários e a visão do grupo de pares.

Costuma-se atribuir como uma desvantagem da entrevista individual ou coletiva, como técnica de investigação, a diferença entre o que se diz e o que se faz. A este respeito é importante considerar a afirmação de Giffin (1994), segundo a qual a falta de correspondência entre o que os entrevistados dizem e fazem é uma dificuldade inerente a qualquer metodologia baseada em informação verbal. Por outro lado, conforme esta mesma autora enfatiza, "se é evidente que não podemos supor que o que é colocado como correto seja sempre refletido na prática, pelo menos temos uma indicação de que a afirmação de outros padrões é, por algum motivo, de importância menor" (Giffin, 1994:35).

Tendo em mente que o principal objetivo da pesquisa foi detectar uma tendência e lançar luz sobre um terreno ainda inexplorado, nesta comunidade, a entrevista constituiu uma técnica bastante adequada a este fim.

V ANÁLISE DOS DADOS

Os adolescentes

Os oito adolescentes entrevistados, conforme já foi citado anteriormente, situam-se na faixa etária entre 14 a 17 anos, sendo quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino, todos eles estudantes da Escola São Geraldo, única escola pública do bairro do Carangola, onde estudam moradores do próprio bairro e também do bairro vizinho, chamado Sertão do Carangola.

Embora próximos, estes bairros apresentam certas diferenças entre si, sendo o Sertão um bairro onde os moradores são originários, em grande parte, das enchentes de 1988, no município de Petrópolis, que deixaram um grande número de pessoas desabrigadas e são de classe média baixa ou classe baixa. O Carangola, é um bairro onde convivem pessoas de classe média, classe média baixa e classe baixa, sendo grande parte delas descendentes de famílias do próprio bairro ou moradoras do local desde crianças.

O Sertão é um bairro conhecido por ser pobre e violento e seus moradores são, muitas vezes, estigmatizados por isso. Dentro do grupo de adolescentes entrevistado, algumas diferenças entre os dois bairros podem ser notadas na comparação entre as meninas; estas diferenças, embora não sejam numericamente representativas, podem ser percebidas.

Duas das meninas entrevistadas residem no Sertão e as outras duas no Carangola. As duas adolescentes que residem no Sertão têm vida sexual ativa, tendo uma delas engravidado aos 13 anos de idade. Uma das jovens residentes no Sertão deseja ser policial para *mudar o mundo*, e aponta distorções no desempenho do trabalho dos policiais, que se deixam corromper. Estas observações parecem expressar a experiência de residir em um bairro onde os moradores se vêem impotentes diante das ações dos bandidos e da corrupção policial.

“... Porque aí se eu fosse policial eu já conheço algumas pessoas, que gosta de fazer ruindade, mas o que a gente pode fazer? Não sendo nada não pode fazer nada, né. Aí se eu fosse assim, não ia dar mole para esses bandidos que nem esses policiaes dão, não. Pra pedir dinheiro, essas coisas. Acho que se eu fosse uma policial eu ia ser muito ruim com os bandidos.” (relato da adolescente Carla, 15 anos)

A religião também pode ser um fator de influência importante sobre as vidas e os posicionamentos destes jovens. Todos os entrevistados se identificam com alguma religião, sendo três dos meninos e duas das meninas praticantes.

Abaixo um quadro síntese com algumas características dos adolescentes participantes da pesquisa.

Quadro I

Meninas

Nomes	Idade	Religião	Escolaridade	Ocupação	Tem experiência sexual?
Beatriz	16	Católica praticante	1º ano do 2º grau	Comerciária	não
Vanessa	16	Católica não praticante	7ª série do 1º grau	Estudante	sim
Márcia	14	Evangélica praticante	6ª série do 1º grau	Estudante	não
Carla	15	Católica não praticante	7ª série do 1º grau	Estudante	sim

Meninos

Nomes	Idade	Religião	Escolaridade	Ocupação	Tem experiência sexual?
Bruno	14	Católico não praticante	6ª série do 1º grau	comerciante	não
Márcio	17	Católico praticante	6ª série do 1º grau	estudante	não (mas teve experiência de cunho sexual)
Alexandre	14	Católico praticante	6ª série do 1º grau	estudante	não
Marcelo	14	Evangélico praticante	5ª série do 1º grau	estudante	não

Vida escolar e profissional

Nas questões abordadas nesta parte da entrevista, pretendeu-se conhecer tanto a situação do adolescente em termos educacionais, ou seja, suas pretensões em relação à extensão da escolaridade e finalidades a alcançar com os estudos, quanto sua experiência e expectativas profissionais e de que forma estes dois aspectos se relacionam.

A maior parte dos entrevistados cursam séries do 2º ciclo do ensino fundamental. Nos seus relatos pôde-se perceber mudanças nas pretensões quanto à extensão dos estudos. Alguns dos jovens apontaram que pretendiam, a princípio, concluir o ensino fundamental ou, no máximo, o ensino médio e, devido à percepção da crise dos empregos e associação da mesma ao nível de escolaridade, mudaram seus planos passando a desejar estudar até o término do ensino médio ou até do ensino superior.

“...poder entrar numa faculdade, fazer tudo. Ter um emprego bom, né...porque emprego é muito difícil. Eu vejo quem terminou a 8ª, fez faculdade, fez tudo e não está conseguindo serviço. Ai eu mudei.” (Vanessa, 16 anos)

“Eu pensava em estudar só até o 3º ano...Porque a gente fazendo faculdade a gente pode ter uma profissão melhor.” (Márcia, 14 anos)

“Sei lá, até o primeiro, segundo, até o segundo pra mim tá melhor, hoje em dia tem que ser até o segundo, né.” (Bruno, 16 anos)

“Eu sou assim..., eu não gosto de estudar, sinceramente eu não gosto de estudar. Mas tem que, né. Tem que estudar porque hoje em dia está brabo...” (Alexandre, 14 anos)

A incorporação do discurso que enfatiza a importância da escolaridade e da qualificação profissional para garantir a empregabilidade e a percepção das dificuldades peculiares ao mundo do trabalho atual pode ser notada nas falas de todos os entrevistados. No quadro a seguir, é possível observar que a maioria dos adolescentes têm como meta concluir o ensino superior, sendo que, todas as meninas apontaram o curso superior como sua meta maior, o que não ocorreu com o grupo dos meninos entrevistados.

Quadro II**Meninas**

Nome	Série que cursa	Pretensão inicial de extensão dos estudos	Mudança na pretensão? Motivo.	Pretensão de extensão dos estudos
Beatriz	1ª série do 2º grau	3º grau (Educação Física)	Não.	3º grau
Vanessa	7ª série do 1º grau	8ª série do 1º grau	Sim. Dificuldade de empregos para quem tem faculdade.	Faculdade (3º grau)
Márcia	7ª série do 1º grau	2º grau	Sim. Para poder ter uma profissão melhor.	Faculdade de Medicina (3º grau)
Carla	7ª série do 1º grau	2º grau ou, se puder, faculdade	Não.	2º grau ou, se puder, faculdade (3º grau)

Meninos

Nome	Série que cursa	Pretensão inicial de extensão dos estudos	Mudança na pretensão? Motivo.	Pretensão de extensão dos estudos
Bruno	6ª série do 1º grau	1º grau	Sim (embora não demonstre convicção quanto à possibilidade)	2º grau ou até 3º grau
Márcio	6ª série do 1º grau	Início do 2º grau	Não. Não acredita que isto será possível para ele	2º grau completo, mas não crê que seja possível
Alexandre	6ª série do 1º grau	3º grau	Não. Não gosta muito de estudar, mas está tomando juízo. Faculdade é fundamental a seu ver.	3º grau
Marcelo	5ª série do 1º grau	3º grau	Não	3º grau

Alguns meninos, tendo ou não apresentado mudanças quanto às suas pretensões, apresentam dúvidas quanto à possibilidade de alcançar estes objetivos devido às suas condições de vida ou de suas famílias. Por outro lado, nenhuma menina demonstrou esta preocupação. Isto suscitou um questionamento, por parte da pesquisadora quanto aos motivos que poderiam influenciar tal posicionamento. Teriam os valores igualitários de gênero relacionados à escolaridade e à vida profissional permitido às meninas serem mais “ambiciosas” quanto aos estudos do que os meninos? As estatísticas têm demonstrado que, no Brasil, as meninas são maioria nos cursos de primeiro e segundo graus. Será que os meninos são pressionados à ingressarem no mercado de trabalho precocemente para colaborarem com o sustento de suas famílias? Seria este quadro influenciado pelas orientações diferenciadas por sexo dadas pelos pais aos meninos e às meninas?

Quanto a este último aspecto, cabe ressaltar que nas orientações dos pais às meninas entrevistadas, a ênfase à importância dos estudos se dá em oposição à importância do namoro. Portanto, discursos tipo “primeiro os estudos e depois o namoro” dão a tônica da educação das meninas, o que não ocorre nas diretrizes parentais dadas aos meninos. Na educação dos meninos, namoro e estudos não são coisas antagônicas ou inconciliáveis. Isto torna possível supor que a ênfase à importância dos estudos nas orientações dadas às meninas pode ter o cunho de controle da sexualidade.

As pretensões profissionais são ainda indefinidas para a maioria dos jovens deste grupo. Vários deles têm sonhos de trabalhar em atividades que os tornem famosos (ser modelo, ser cantora ou ter um grupo de pagode) ou que tenha certo aspecto heróico (ser bombeiro, ser policial) ou que demonstrem preocupação com o bem-estar social (dar aula de ginástica, fazer um trabalho com crianças pobres).

“Dar aula de ginástica, dar aula em colégio, ajudar pessoas, fazer tipo um programa assim com jovens, aqui no São Geraldo tem muita gente pobre, pegar essas crianças, fazer trabalho com eles, essas coisas.” (Beatriz, 16 anos)

“Eu quando era mais nova queria ser professora. Mas agora, eu não sei nada. Tenho vontade de ser policial...Não sei. Acho que é porque eu vejo muita coisa ruim na televisão e se eu pudesse um dia, eu queria mudar o mundo. (Carla, 15 anos)

“Eu acho maneiro, subir num palco e desfilhar. Todo mundo olhando a gente. Deve ser maneiro... Cantora porque eu cantando eu acho a minha voz desafinada. E se eu não fosse modelo, eu seria cantora. Então eu iria fazer um curso de teatro para quem sabe, eu seria atriz algum dia.” (Márcia, 14 anos)

“Ter um grupo de dança, um grupo de pagode ... então esse dinheiro do lava-jato que eu vou ganhar, vou investir no grupo, comprar instrumento, isso e aquilo, gravar o cd, isso e aquilo e seguir em frente.” (Bruno, 16 anos)

“ O bom no Corpo de Bombeiros também que não é só o respeito. É que você salvou pessoas lá, começa a ser respeitado. A sua moral começa a crescer na sociedade.” (Alexandre, 14 anos)

Os Papéis e Orientações Familiares

As orientações parentais em termos de sexualidade e outros aspectos relevantes da vida familiar dos adolescentes incluem critérios para escolha do “chefe”, papéis masculinos e femininos, segundo as famílias dos adolescentes, e os conteúdos e formas de orientação sexual , que serão analisados a seguir.

O papel de chefe da família obedece a critérios de cosangüinidade: o pai, quando vive uma relação de casamento real com a mãe; a mãe, quando os pais são separados de fato ou convivem sob o mesmo teto sendo separados, ou quando o pai é falecido. O padrasto, mesmo que seja uma pessoa com quem os jovens têm um bom relacionamento ou seja o provedor material da família, não é considerado por nenhum deles como o chefe da família. Neste grupo, apenas três dos adolescentes vivem com pais casados.

Quadro III

Nome	Situação do casal parental	Tem padrasto?	Chefe da família
Beatriz	casados	não	pai
Vanessa	separados	sim	mãe
Márcia	pai falecido	sim	mãe
Carla	separados	não	avó
Bruno	separados, mas vivem na mesma casa	sim	mãe
Márcio	pai falecido	sim, mas não mora com a mãe	mãe
Alexandre	casados	não	pai
Marcelo	casados	não	pai

Os critérios para ser considerado chefe da família podem ser tanto o fato de ser o provedor financeiro das necessidades do grupo, quanto ser quem manda, determina tarefas para os demais membros da família ou ser a pessoa que proporciona orientação e apoio emocional aos demais componentes do grupo familiar.

“...A minha mãe. (A tua mãe é que é o chefe lá?) “É.” (E quem considera ela chefe?) “Todo mundo. Eu e meus irmãos.” (E teu padrasto não é o chefe da família?) “Não.” (E por que ela é a chefe da família?) “Porque o que ela fala é aquilo mesmo. Não tenta mudar, não que é aquilo.” (Vanessa, 16 anos)

“...Meu irmão. Só que ele não mora comigo. Mas quando ele morava..., eu considerava ele, só que agora..., acho que minha mãe... (E aí depois que o seu irmão saiu de casa, ela veio a ser a chefe da família? Então agora, quem é a chefe é ela?) “É.” (O seu padrasto não é o chefe da família?) “Não.” (E o que ela como chefe de família, qual é a responsabilidade de um chefe de família?) “Tem que manter a casa em ordem.” (E manter a casa financeiramente?) “Aí é ele.” (Então não é o dinheiro que diz quem é o chefe da família?) “Não.” (Márcia, 14 anos)

“...Tem, a minha mãe. (Tua mãe é a chefe da família? Por que ela é a chefe da família? A que se deve esse título?) “Minha mãe é muito apegada a mim e eu sou muito apegada a ela, tudo que acontece ela me conta, tudo que acontece comigo eu conto a ela, não tem nada de ficar escondendo, por que eu sou mais a minha mãe.” (Então o que uma pessoa tem que ter para ser considerada chefe de família?) “Acho que tem que ter muita compreensão com as pessoas, saber conversar direito, sem brigar, acho que pra mim é isso.” (O teu pai não é o chefe da família?) “Não.” (Bruno, 14 anos)

“...Meu pai. (E a que se deve esse título de chefe?) “É ele que comanda as paradas lá.” (Ele que comanda?) “É. Ele é quem faz tudo.” (E o que ele comanda?) “Ele faz tudo. Como eu vou dizer? Ele é quem faz as compras, não é minha mãe. As vezes só é que é minha mãe. mas é ele quem manda. Ele é quem coloca dinheiro dentro de casa. Mas ele não tem isso de brigar, não tem não.” (Sei. Mas ele é considerado pela família, o chefe, porque é ele quem sustenta?) “Isso.” (Alexandre, 14 anos)

Por outro lado, a mãe ou outras figuras femininas significativas (irmã, tia, avó) são as pessoas na família com quem os jovens sentem-se mais à vontade para conversar, ora para pedir coisas de que tenham necessidade ora para intermediar suas solicitações junto ao pai. O relato de Alexandre (14 anos) define muito claramente este processo:

“Quando eu peço para a minha mãe para ir a baile, essas coisas assim, eu peço para a minha mãe. Aí a minha mãe vai e pede para o meu pai. É igual com Maria, intercede para Jesus por um milagre. Minha mãe com meu pai.”

Entretanto, nem sempre é esta a mesma pessoa com quem o adolescente busca orientações para a sua vida sexual. As meninas que conversam sobre o tema com

alguém da família o fazem com irmãs casadas. Entretanto, de forma geral, nenhuma delas conversa sobre sexo com seus pais, seja porque não há espaço para isso em casa ou porque sentem vergonha em fazê-lo. Três dos meninos conversam com algum de seus pais sobre sexo, que pode ser o pai ou a mãe. A mãe de Márcio, 17 anos, considera que ele já não precisa ser orientado porque já está “grandinho”, como se o conhecimento a respeito de sexo fosse natural aos homens:

“Não, ela acha que eu já estou grandinho, que eu tenho que saber tudo, tem sempre as principais coisas pra ter uma vida saudável, ela acha que eu já estou meio grandinho.”

Um dos meninos faz uma separação entre assuntos relativos à sexualidade que ele conversa com o pai e outros que conversa com a mãe, o que parece mostrar que, no seu entender, o que é do domínio do conhecimento sobre sexo ele conversa com seu pai, que “sabe mais”, e o que é do domínio do conhecimento das emoções ele conversa com a mãe:

(Se você quiser conversar sobre namoro, tirar dúvidas sobre sexo, essas coisas com quem você pode conversar na tua casa?) “Aí já é com o meu pai.” (E se fosse sobre namorada é com ele ou com a tua mãe?) “Aí já é com a minha mãe.” (Marcelo, 14 anos)

A orientação sexual dada a estes adolescentes por seus pais não é percebida claramente por alguns deles. Nota-se, ao longo das entrevistas, que isto ocorre porque esta se dá de forma indireta fazendo com que estes digam que os pais não abordam esses assuntos ou que os pais nada falam a respeito em suas casas. Observa-se também que há diferenciação nas orientações dadas a meninos e meninas, mesmo que estas não sejam claras.

Para as meninas, esta orientação, em alguns casos, é feita através de críticas às experiências de outras pessoas (como a culpabilização das irmãs que ficaram grávidas pelos problemas da família ou por sua própria “decadência” moral ou material), consideradas como negativas pela família. Com a gravidez da irmã de Beatriz, a família vendeu a casa em que morava no bairro e foi morar em outra cidade. Quando voltaram tiveram que alugar uma casa e pagam aluguel até hoje; somente agora estão começando a construir uma nova residência :

“...Ela fica jogando na cara até hoje, que a gente tá vivendo assim até hoje por culpa dela, a maior parte é culpa dela, ela fica falando assim.” (Beatriz, ao falar sobre a opinião de sua irmã do meio sobre a gravidez da irmã mais velha)

“...Eu ter a minha vida, eu não passar pelo que a minha irmã passou, tá passando ainda, é briga quase todo dia com o marido...” (As orientações do pai de Beatriz para seu futuro)

Também nas orientações ao filho homem, a irmã que engravidou é uma referência negativa, mas de uma forma diferente do que para as meninas:

“... porque a minha irmã era aquele negócio, ela era tudo dentro de casa, a gente sabia se ela fizesse ou se não fizesse, porque ela conversava com a gente, mas no dia quando ela fez, quando já tava aparecendo os sintomas mesmo, ela comia muito, ficava sempre enjoada, queria vomitar. (E por que a tua mãe mudou com ela, ficou chateada?) “Ela ficou muito chateada, porque a minha mãe também gostava muito dela, ela era uma dondoca de casa, como todo mundo fala, conversava com ela, mas antes de tudo isso...” (relato de Bruno sobre as mudanças de sua mãe com sua irmã após a gravidez e aborto desta última)

“...É o que aconteceu com a minha irmã. A minha irmã ficou casada um ano com o pai da Andréa e não deu certo. E por que? Porque ela não amava ele e nem ele amava ela. Eles foram casados à força. Por causa da Andréa. Ai não deu certo, eles separaram.” (Alexandre sobre o casamento de sua irmã, que foi forçado porque ela estava grávida)

Uma outra forma de “orientar” é através de expressões do tipo “use camisinha” , “cuidado com as DST ou com a AIDS” para os meninos ou através de alertas às meninas contra a gravidez. Cabe ressaltar que as orientações parentais, tanto para os meninos quanto para as meninas nunca são dirigidas diretamente às questões específicas daquele adolescente. São orientações gerais, impessoais, difusas, que podem ser devidas ao desconhecimento dos pais em relação aos assuntos, ou ao constrangimento em abordar estes temas com seus filhos.

“...Meu pai fala: "Toma cuidado, tem que usar camisinha. A Aids está aí. Que a DST está aí. E que pode começar com DST e passar para Aids." Para mim ter cuidado. E que tem menina que presta, e menina que não presta. Que pode está com a doença e passar para você e você não está sabendo disso. E a minha mãe fala a mesma coisa.” (A sua mãe também dá a mesma orientação. Algum deles já conversou com você sobre como é o sexo, o que acontece durante o sexo? O que são essas DST?) “Aí, não. Isso eu já aprendi assim..., eu lendo. Essas coisas.” (Lendo aonde?) “Em revistas. Tem livros que dão no posto, sobre DST: doença sexualmente transmissível. Eu aprendi também no Corpo de Bombeiros que parada de DST, doença sexualmente transmissível, que eles falam também. Num curso lá no Corpo de Bombeiros. Eles ensinaram pra gente o que é DST. Que a DST tem sífilis, e não sei o que lá. Um monte de coisa. E que se não cuidar vira AIDS. Essas coisas...Mas sobre sexo mesmo, sobre a relação o meu pai e minha mãe nunca fala...”(Alexandre, 14 anos)

“...Sempre falam usa camisinha, toma cuidado, é uma coisa muito interessante, mas tem que ter muito respeito, tem que ter muita atenção na hora que tá fazendo, pra não acontecer nada de errado.” (E o que seria

alguma coisa de errado?) “...Sei lá, na hora tem certas pessoas que não usa camisinha, esse negócio, que nem o caso da minha irmã, não usa camisinha e acaba acontecendo que fica grávida, tendo a camisinha., mas mesmo assim, ter uma relação, não sei, no caso das mulheres, das meninas fazer um exame, sei lá ,pra mim eu não tenho nada muito a declarar, não.” (Bruno, 14 anos)

“Quando eu vejo televisão, aí ela fala: Se a cabeça não pensa, quem paga é a barriga, né Vanessa.? E eu falo: É mãe, é sim. Ela joga algumas indiretas para mim, mas tocar mesmo no assunto, ela não toca, não.” (relato de Vanessa, 16 anos)

“...Ela falava pra mim que eu era muito nova pra transar. Que se eu fosse..., mesmo eu sendo nova, e se eu quisesse transar era bom usar camisinha sempre. Pra não arrumar filho e não estragar a minha vida. Ia falando. Me dava um monte de conselho.” (Carla, 15 anos)

Uma outra preocupação que pode ser notada nas advertências parentais para as meninas é que elas tomem cuidado para não ficarem faladas por terem “passado de mão em mão”. Este tipo de comportamento pode comprometer suas chances de conseguirem compromisso sério.

“...Que hoje era com ele que eu ficava, amanhã ia ser com outro, que depois com outro, outro e outro e ia assim por diante. Quando eu quisesse um compromisso sério, ninguém ia querer, porque eu já tinha passado na mão de todo mundo.” (Carla, 15 anos)

Nas orientações tanto maternas quanto paternas aos filhos em relação aos temas namoro, sexo, casamento e estudos, nota-se uma diferenciação nas orientações feitas às meninas e esta diferença é percebida por alguns adolescentes na educação que os pais dão ao irmão do sexo oposto. Nos relatos abaixo pode-se notar que a liberdade é vista como um privilégio concedido somente aos filhos do sexo masculino.

“Não sei. Acho que porque ele é homem, ele pode tudo. Do ponto de vista deles, ele pode tudo só porque ele é homem. Ele não tem que fazer nada só porque ele é homem. Agora mulher não, tem a obrigação de ficar dentro de casa o dia inteiro, a noite inteira, não ir para bagunça, não ficar na rua, não ir na casa de fulano nem na de sicrano. Tenho que ficar presa ali só porque eu sou mulher. E eu não, já era igual moleque, gostava de ficar na rua, descalça, ir pro campo jogar bola, bola-de-gude... Minha mãe até falava que eu ia ser sapatão. Que eu gostava de tudo que garoto gostava. Difícil era eu brincar de boneca. Eu gostava de tudo mesmo, pipa, eu fazia pipa.” (relato da adolescente Carla, 15 anos, sobre o motivo das diferenças nas orientações dadas ao seu irmão e à ela)

“...(As meninas) Não podem namorar cedo, não podem sair, não podem ficar na rua, não podem conversar com os meninos, que tudo elas já levam para maldade. Se conversa com menino, não pode porque não são meninos direitos e vai dar mal exemplo. Se sair tarde é porque a mãe não está olhando direito.

Agora, os meninos já podem sair tarde, podem fazer o que querem.” (Márcia, 14 anos)

Nas orientações dos pais às meninas, o estudo é colocado como prioridade em relação ao namoro e os dois campos da vida são apontados até como coisas inconciliáveis, como já foi apontado anteriormente. Daí, surgem em todas as orientações parentais às meninas que primeiro elas devem estudar para terem uma profissão e arrumarem um “bom serviço”, para depois namorarem. Este tipo de orientação não ocorre em relação aos meninos, o que permite indagar se os estudos podem funcionar, para os pais, como uma forma de tentar adiar o início da vida sentimental e sexual das meninas.

“..Ela acha que é melhor os estudos, porque depois a gente se arrepende. Depois que pára. Ela diz que se arrependeu de ter parado. Aí ela me apoia para eu continuar os estudos.” (Vanessa, 16 anos)

“..Era melhor estudar bastante para depois que a gente crescer e pensar em namorar depois que tivesse um serviço. Ele não queria que a gente namorasse cedo, não.” (relato de Márcia sobre a orientação de seu falecido pai sobre namoro)

Um outro aspecto importante que pode ser notado é a visão do sexo como perigoso nas orientações dos pais aos jovens. Mas o motivo do temor é diferenciado por sexo. Nas advertências dos pais às meninas nota-se uma preocupação de que elas “fiquem faladas” ou que façam sexo antes do casamento, o que pode comprometer suas chances de arrumarem compromisso sério ou (o temor maior) que engravidem, o que pode ocasionar uma espécie de decadência moral ou social da jovem e até da família. A virgindade é um princípio inegociável nas famílias evangélicas e católicas “praticantes.”

(O que a tua mãe fala com você quando o assunto é namoro?) “Fala para mim ter juízo, para não fazer a besteira que a minha irmã fez...” (O que é besteira na visão dos teus pais? Ela ter feito sexo ou ela ter engravidado?) “ Ela ter feito sexo.” (Beatriz, 16 anos)

“...Se eu tiver sozinha com meu namorado em casa, e meus irmãos estão em casa, ela fica quieta. Aí quando eles saem ela diz: "Olha, cuidado, se pegar barriga, tu já sabe". (Vanessa, 16 anos)

Nas famílias onde uma das filhas engravidou antes do casamento e, como no caso das irmãs dos entrevistados, os pais não eram namorados das moças e estas não

vieram a se unir a eles, estas moças, mesmo as que vieram a casar-se posteriormente, são apontadas como um referencial negativo das famílias.

“A vida lá em casa mudou totalmente depois que a minha irmã engravidou, a gente ficou em Cabo Frio por causa dela, a gente foi pra lá por causa dela... A minha irmã chora até hoje porque ela fica falando essas coisas, a minha mãe de vez em quando também joga na cara essas coisas.” (Beatriz, 16 anos)

“O meu pai ficou assim, meio desatinado da vida, mas... depois passou... Como todo pai fica, né. Eu acho que é. Sabendo que a filha está grávida. Ai ela voltou a estudar, mas aí ela engravidou da Mônica, e meu pai cortou. Meu pai disse: “eu tomo conta do seu filho, você vai estudar, pago os estudos para tu e continua estudando”. Mas ela não quis, aí ela teve a Mônica. Aí meu pai proibiu. Agora, ela só trabalha, só.” (Alexandre, 14 anos)

Como vimos, também para os meninos as orientações parentais falam do sexo como algo perigoso, entretanto o temor maior é em relação à AIDS e às DSTs.

Um outro aspecto a ser notado em algumas orientações parentais para as meninas é que o amor é apontado como fonte de dor e sofrimento:

“Ele não podia nem pensar que a gente queria namorar, senão a coisa ia ficar feia. Porque ele tinha ciúmes da gente, ele não queria que a gente namorasse cedo, que a gente ficasse sofrendo cedo...” (Márcia, 14 anos, sobre seu falecido pai)

“Porque, eu falei pra minha vó, o que importa pra mim não é beleza e dinheiro não, o que importa pra mim é o sentimento. Aí ela: “ Ah! Que sentimento o quê!”, e eu: “Se tu nunca amou vó, eu não posso fazer nada não!”. E ela: “ Eu já amei, sei o quê que é...”, eu falei : “Ah! Sabe...” (Carla, 15 anos)

O comportamento sexual dos jovens dos dias de hoje é reprovável, na visão dos pais, considerado como cheio de “safadeza” e “pouca vergonha”. Isto é expresso através de orientações diretas e indiretas.

(O que a tua mãe fala sobre comportamento sexual dos jovens hoje em dia?) “Que tá uma pouca vergonha.” (Fala isso?) “Fala.” (E o que ela acha uma pouca vergonha?) “Hoje em dia menina de 14, tá todo mundo engravidando, ela acha que isso é o fim do mundo, também tem muito pai que libera, acho que ela me mata se eu engravidar, acho que ela me mata.” (Beatriz sobre sua mãe)

(O que o teu pai fala sobre comportamento sexual dos jovens hoje em dia?) “Só não gosta da Malhação.” (Ele não gosta?) “Não gosta.” (Por que não?) “Porque ele acha que só ensina coisa ruim, às vezes tem alguma coisa exagerada que eu tenho que concordar com ele, tem parte de novela que eu ficou com vergonha dele, eu fico com vergonha.” (Que tipo de cena você fica com vergonha?) “Quando tem sexo na televisão, nas novelas, eu fico com vergonha de ver aquilo perto dele.” (E o que é coisa ruim pro teu pai, coisa

ruim que tem na Malhação por exemplo?) “Aquele que fica botando bomba no colégio, um fica com a namorada do outro, um namora dois ao mesmo tempo, essas coisas.” (Aí ele acha essa coisa são ruins.) “Ele acha ruim.” (E o que você acha sobre essas coisas?) “Eu acho que eu vendo, eu não fazendo, pra mim acho que a televisão não vai me influenciar em nada, eu tenho a minha cabeça, o que eu acho, não o que eu estou vendo.” (Mas ele acha que é um mau exemplo pra vocês. Então de uma certa forma ele acaba falando sobre aquilo que ele acha que não é bom.) “Mas ele não fala comigo, ele fala com a minha mãe.” (Beatriz sobre seu pai)

“... Eles dizem que hoje os jovens são mais liberais que antigamente. “E que antigamente, namorar era só no portão. Não podia sair. Se levasse no cinema já era muito. Essas coisas, sabe?” (Alexandre sobre seus pais)

“...O meu padrasto diz que tem muita safadeza. Hoje em dia é tudo assim. Mas antigamente não havia isso. Ele diz que tem muito safadeza e pouca vergonha. (E o que é safadeza e pouca vergonha para ele?) “Se ele me vê com um aqui e outro lá, isso é ser safada. Se ele ver alguma amiga minha assim, ele diz: “Nossa ela é safada. Ela não tem namorado”? Para ele é isso.” (Vanessa sobre a opinião do padrasto)

Os tempos atuais são considerados pelos jovens de ambos os sexos como época de maior liberdade nos costumes. Alguns deles consideram que hoje em dia há, também, maior espaço para diálogo e, portanto, houve uma evolução nos costumes sexuais, outros consideram que houve melhora em alguns sentidos e pioras em outros.

“A minha mãe contando que 4 horas da manhã, ela tinha que levantar pra trabalhar, pra namorar os pais dela ficavam no meio do namorado, da mãe, eu acho essa coisa ridícula, ridícula... Hoje tá sendo muito mais preocupante, do que antigamente, antigamente as meninas casavam com 15, 16 anos, aí já não era aquela coisa, agora casa com 20, 21, mas só que menina com 14, 15 anos já tá engravidando.” (Beatriz, 16 anos)

“...minha mãe falou que antigamente os pais não conversavam sobre sexo. Se tocasse nesse assunto perto deles, batia, brigava. E agora não, agora já é mais natural, sentar e conversar, falar o que é, o que não é.” (Carla, 15 anos)

“Não sei. Eu acho que a época de agora é melhor do que de antigamente. Tem mais liberdade.” (Alexandre, 14 anos)

Vida afetivo-sexual

Esta parte da entrevista teve como objetivo conhecer o que os jovens pensam sobre diversos assuntos relacionados a sua vida afetiva e sexual e de que forma lidam com estes valores em suas relações de gênero. Portanto, suas opiniões e experiências

quanto ao “ficar”, ao namoro, ao casamento formal e o informal, ao sexo, a virgindade e ao amor são descritos e analisados a seguir.

Todos os adolescentes entrevistados vivenciaram a prática geracional de “ficar”. O tempo de duração do relacionamento, o “gostar”, o nível de compromisso e seriedade, assim como a confiança e a sinceridade, definem o limite entre o ficar e o namorar.

“Acho que ficar tu não tem aquele compromisso de estar ali, de ajudar, de encontrar, obrigação de encontrar, aí tu vai num lugar ele tá lá, se tu quisesse ficar tu ficava, se não quisesse tu não ficava, tu não tinha obrigação de ficar...pro namorado tu conta tudo que tá passando, agora com quem tu tá ficando, tu não sente liberdade de contar, tu tá com algum problema, tu não vai contar com quem tu tá ficando, agora com quem tu tá namorando tu já conta, tu sabe que pode confiar naquela pessoa.” (Beatriz, 16 anos)

“...Ficar é uma coisa passageira. Ficou ali, passou.”(E por que os jovens ficam?) “Eu não sei. Acho que é mais uma aventura. Fiquei hoje, aí no outro dia não tem mais nada. Não tem compromisso. Você pode ficar com um hoje e outro amanhã. Não tem compromisso sério... Porque namorar pega mais um compromisso, mais sério. (Vanessa, 16 anos)

“É que ficar, você conhece a garota, fica com ela. Já namorar, não. Você vai namorando a garota e tu leva a sério. Não pode parar. Agora, ficar, se você quiser terminar ali, acabou. Se não gostar da garota, acabou. Namorar, não. É diferente. É mais sério.” (E qual é a diferença? Bom, ficar é menos sério do que namorar. Então menos sério como? Como é que você vai saber, estou namorando ou ficando? Como é que é isso?) “Quando eu estou ficando, eu fico com a garota, uma noite, ou um dia. Aí se eu gostar, eu fico de novo, de novo, de novo. Aí pode levar para o namoro. Mas isso depende mais dos dois. Já namorar, não. Pra namorar você já começa ficando. Tu fica com a garota, aí ela gosta de tu, tu gosta da garota.” (Alexandre, 14 anos)

“Namorar é quando gosta da menina, ficar é por um dia.” (Marcelo, 14 anos)

Alguns jovens, independentemente de sexo, preferem ficar, mesmo que namorem, pois esta prática permite maior liberdade. Nas entrevistas não houve diferença entre o grupo de meninas e de meninos:

“...Eu acho melhor ficar, porque aí a gente namorando a gente se prende muito. E quando a gente está sozinha, não aparece ninguém para ficar com a gente. Agora, quando a gente está namorando, está assim de garoto querendo ficar com a gente.” (Aí você vê um monte de menino e não pode ficar porque está namorando. E por que mais que ficar é melhor do que namorar para você?) “...Porque a gente se sente livre, não se sente preso a ninguém. (relato de Márcia, que namora há “ 8 meses e 6 dias”)

“...Por causa que é menos sério que namorar. Namorar, sei lá. Ficar, tu pode, se não estiver gostando do garota, aí se estiver gostando pode começar a

namorar com ela. Mas se não estiver gostando pode terminar, entendeu. Ai eu acho melhor ficar por causa disso. Por causa que não prende muito.” (Alexandre, 14 anos)

O ficar também pode funcionar como uma proteção contra o envolvimento sentimental e o risco de sofrimento que o namoro pode trazer consigo:

“...Bom, quando eu não tava com o Zeca, eu preferia ficar, ficar assim, eu fico uma semana, e depois dou um tempo. Ai eu não quero mais, não quero mais ninguém. Ai, depois se eu me interessasse por outra pessoa, eu até ficaria. Mas, pra namorar, assim, só eu gostando mesmo.” (E porque você, antes do Zeca, preferia ficar?) “Pra não se apegar, às vezes você pensava que uma pessoa era de um jeito, depois que tu fosse se apegando a pessoa era de outro. Ai, não. Mas eu também não era assim, igual hoje as minhas colegas lá são não, hoje com está com um, amanhã está com outro. Uma semana está com um, na outra está com outro. Eu ficava só com quem me interessava, ficava assim. Hoje eu fiquei com um, ai, ia ficando, quando eu ia ver que eu tava me aproximando demais, né, que eu pensava que eu tava gostando, ai eu não queria mais. Ai ficava afastada um tempão. Ai, não aparecia ninguém que me interessasse, ai, ficava, sozinha. Ai, depois aparecia alguém que me interessava, se estivesse afim de ficar comigo, ficava. Eu não gostava de compromisso sério, não.” (Porque que você saía fora?) “Porque eu tinha medo de me iludir, porque eu pensava que gostava de alguns garotos, do Júlio lá de cima, ai, pensava que gostava dele, né, e ele falava que gostava de mim. Eu falei, “tudo bem”. Ai, ele apareceu: “Ah, Carla, não gosto de tu, não, eu falava aquilo de mentira, só pra ver o que tu ia falar”. Ai, eu já tinha medo, tinha aquele trauma de me aproximar demais e depois me magoar. Namorar pra mim, eu não namorava não.” (Carla, 15 anos, que se considera “enrolada” com o pai de seu filho)

O ficar pode ainda reunir, para o jovem, os dois “benefícios” citados anteriormente:

(Você prefere ficar ou namorar?) “Eu prefiro ficar.” (Por quê?) “...É bem melhor, tu fica com uma pessoa que tu quer ficar com outra pessoa e não pode, então tu fica com uma aqui, outra lá, outra lá.” (Ficar é melhor, porque você tá com uma aqui hoje, mas se aparecer outra pessoa você já pode ir pra lá. E namorar não é bom?) “Namorar não. Muito ciúme, eu não gosto.” (Quem é que sente ciúme?) “Eu sei lá, acho que é os dois, se os dois gostar um do outro, ai rola o ciúme, agora se um não gostar e o outro não gostar, ai não tem muita diferença.” (relato de Bruno, 16 anos)

Para as meninas a prática do ficar pode envolver certo risco moral: o risco de ficar falada. Este comportamento quando perdura ou é freqüente, é reprovável, segundo a visão de seus pais:

“Algumas vezes ela falava que se eu ficasse com um aqui, e amanhã já estava com outro, ai ela falava: “Isso já está virando pouca vergonha, tá. Isso é horrível”. Mas se eu ficasse com um hoje e passasse um tempo e ficava com outro, não tinha problema não. Mas gente do bairro ela falava.” (Vanessa sobre sua mãe)

“Acha ridículo essa negócio de ficar, às vezes ela até brigava com esse negócio de ficar, esses jovens só estão ficando.” (Beatriz falando da opinião de sua mãe sobre o “ficar”)

Para os meninos o “ficar” pode trazer a admiração dos outros meninos...

“... a garota gostou de mim, aí eu não queria ficar com ela, mas meus amigos falaram: fica, fica, vai ser bom pra tua fama aqui na escola, as meninas todas vão querer ficar contigo pra saber como você é e tirar essa tua carinha de santo...” (Márcio, 17 anos)

Diferentemente do que ocorre com os adolescentes do sexo feminino, o risco moral para o do sexo masculino surge se este se negar a ficar com alguma menina:

(Mas um menino pode negar ficar com uma garota que esteja “dando mole”?) “Nunca neguei não, mas eu acho que pode sim.” (Mas você nunca negou.) “Não.” (E se negasse?) “Os outros começam a falar, agora essa juventude é ficar ou ficar falado.” (O que falam?) “Tá virando o jogo, falam um monte de coisas assim meio machona...” (Então um homem não pode se negar a ficar com uma mulher que é a fim dele. E ela pode se negar a ficar com um rapaz?) “Se ela negar aí do mesmo jeito falam dele.” (Se ele for recusado pela menina também, falam mal dele. Então o homem é mais cobrado nesse sentido do que a mulher?) “Eu acho.” (Márcio, 17 anos)

O sentimento de gostar do outro é o principal motivador da passagem da relação de ficar para o namorar. Outros requisitos, tais como o conhecimento mais aprofundado do outro e das suas intenções, assim como a sinceridade são apontados pelos adolescentes, como fundamentais ao namoro. Somente neste é possível haver compartilhamento de problemas, segundo a visão destes adolescentes.

“Pro namorado tu conta tudo que tá passando, agora com quem tu tá ficando, tu não sente liberdade de contar, tu tá com algum problema, tu não vai contar com quem tu tá ficando, agora com quem tu tá namorando tu já conta, tu sabe que pode confiar naquela pessoa.” (Beatriz, 16 anos)

(Qual é o critério para ficar?) “Achou bonitinho, gostou do papo, está ficando... (E para namorar?) “Para namorar..., eu por exemplo, eu vou investigando a vida todinha da pessoa.” (O que você investiga?) “Eu investigo tudo. Vejo se ele quer compromisso sério mesmo. Se não é só aventura, se não é só ficar...” (Vanessa, 16 anos)

(E namorar, é diferente escolher uma menina pra você ficar e escolher uma menina pra você namorar, é diferente ou não?) “É diferente, tem algumas vezes tu tá assim no lugar, olha uma garota bem feitinha, tu gosta, aí fica.” (Pra você namorar, qual é o critério pra você começar a namorar alguém?) “Eu tenho que conhecer bem a pessoa.” (Pra ficar é preciso conhecer bem a pessoa?) “Ficar, às vezes sim, às vezes não, é aquele negócio tem uma pessoa que...o mal de ficar também tem uns problemas, a pessoa pode ser...pode usar drogas, a pessoa pode ser bonita, você vai namorar com ela e

não sabe que a pessoa tá usando droga, antes de ficar também tem que conhecer, um tempo só conhecendo, conhecendo pra ver o que acontece.” (Bruno, 15 anos)

O compromisso do namoro pode trazer mudanças pessoais e comportamentais:

“Eu acho que sim. Muda em tudo. A vida muda em tudo.” (Em que sentido?)
“A minha mudou em várias coisas.” (Por exemplo?) *“Ah eu ficava na rua, não fico mais. Fico em casa com as meninas, acho que vai mudando.”* (Vanessa, 16 anos)

O amor é um sentimento valorizado por todos os adolescentes entrevistados e considerado fundamental para unir um casal. Para a maioria das meninas o amor é um sentimento ambivalente, que tem um lado bom e outro ruim.

(E como é que é esse sentimento de amor?) *“Às vezes é muito triste, mas é bom.”* (É muito triste como?) *“Na hora das brigas, a gente já terminou várias vezes, um dia, aí fica aquela tristeza, aquela dor, saber que tu não vai ver aquela...ver não, mas ficar com aquela pessoa, não dá.”* (Amor traz dor?) *“Muita.”* (Beatriz, 16anos)

(O que você pensa sobre amor?) *“Não penso muito sobre amor, não. Acho uma ilusão. (Você nunca amou ninguém?)* *“Já. Por isso mesmo... Eu gostava muito dele. Eu fiquei até internada por causa dele...Eu fui para o pronto socorro. Minha pressão subiu. Porque eu tomei vários remédios, porque eu tentei me matar por causa dele.”* (E aí depois dessa história você acha que o amor é uma ilusão?) *“É. Não quero nunca mais amar ninguém...”* (Vanessa, 16 anos)

“...Amor pra mim, é...tudo de bom, tem seu lado ruim também.” (Carla, 15 anos)

Nas entrevistas dos meninos, o amor é um sentimento também valorizado e em nenhum momento foi associado à dor ou ao sofrimento.

“Eu penso que o amor é uma coisa bonita, que dependendo todo mundo tem. Por pior que a pessoa seja, ela tem um pouquinho de amor.” (Alexandre, 14 anos)

(Como é que é esse verdadeiro amor ?) *“A pessoa assim gostar mais, fazer o possível e o impossível por aquela pessoa, mas eu sinto que pra Luiza não é ainda esse impossível fazer por ela.”* (Márcio, 17 anos)

(O que você pensa sobre amor?) *“Eu acho bonito, amar, ser respeitado, acho bonito.”* (Bruno, 15 anos)

Esta diferenciação de perspectivas em relação ao amor segundo o sexo pode sugerir, à primeira vista, à explicação de que as meninas sofrem em suas experiências amorosas e os meninos não, e é possível que a vivência destas possa ser diferenciada

por sexo . Ainda podemos cogitar que a expressão de sentimentos é culturalmente atribuída ao sexo feminino, e que é comum ouvir dizerem que os homens fazem as mulheres sofrerem e esta pode ser outra forma de compreender estes dados. Por outro lado, pode-se ainda cogitar que a experiência amorosa seja difícil para ambos os sexos, mas que a forma de cada um manifestar estas dificuldades se diferencie segundo o sexo, já que a cultura atribui, tradicionalmente, às mulheres a emotividade e aos homens à racionalidade o que pode favorecer que as adolescentes sintam-se mais à vontade para este tipo de expressão do que os adolescentes. O relato de Alexandre (14 anos) mostra a diferença entre os sexos na forma de expressar a frustração amorosa sem falar de dor ou sofrimento:

“...eu namorei com ela. Namoro assim de dois meses. Passageiro. Aí eu namorei com ela, aí o garoto que gostava dela e ela gostava do garoto também e não gostava de mim. Ela namorou comigo por namorar. Aí ele chegou e disse pra ela que eu tinha ficado com ela só para passar a mão nela, essas coisas. Aí ela terminou o namoro comigo, ficou revoltada. Já não gostava de mim mesmo. Parou de falar comigo. Agora, há pouco tempo é que ela voltou a falar comigo. Mas aí já foi tarde, porque ela já fez a 8ª série e já deve ter ido pra outro colégio.” (Mas você ainda gosta dela?) “Gosto. Agora tem que esquecer, eu não vejo mais ela.”

Na relação entre amor e sexo, alguns dos adolescentes entrevistados percebem que o amor pode existir sem sexo e que o sexo pode existir sem amor. No entanto, não é esta sua preferência:

(Pode haver amor sem sexo?) “Aí eu não sei dizer. Sinceramente... bom é o caso de namorar. Tu gosta da pessoa, mas não faz sexo. Tem a hora que você vai fazer sexo com essa pessoa. Você namorou a menina um ano, e já tem que fazer sexo. Eu não acho que seja assim. Na hora que os dois estiverem pronto, aí vai acontecer. E não com pressa demais.” (Alexandre, 14 anos)

Todos eles consideram que este sentimento deve estar associado ao sexo ou que torna o sexo melhor, embora a maioria dos adolescentes entrevistados não tenham ainda vida sexual. Não há distinção entre meninos e meninas neste aspecto.

(Quer dizer que quando você vê cenas assim mais quentes na televisão, você muda de canal ?) “É, não tem amor, eles estão fazendo por fazer, respeito até eu tenho, pra eles é trabalho, pra mim é...não tem nada a ver o que eles tão fazendo.” (Márcio, 17 anos)

(E o que você acha que é necessário para duas pessoas fazerem sexo? O que é necessário?) “Sinceramente. Acho que é uma gostar da outra. Acho que é só isso só. Senão não fica a mesma coisa. Bom, eu ouço falar por aí que fazendo sexo com uma pessoa que você não gosta, fica diferente do que fazer com uma pessoa que você gosta. Eu acho que é a mesma coisa que eles falam...” (Alexandre, 14 anos)

As meninas, entretanto fazem uma diferenciação entre os sexos quanto a este aspecto:

“...Eu acho que sexo sem amor é impossível, eu acho. (Para homens e para mulheres?) “Pra homens é muito difícil, agora pra mulheres acho que é muito importante...” (Pros homens não?) “A maioria” (Beatriz, 16 anos)

Duas meninas, ambas com vida religiosa ativa, consideram que somente com o casamento a vida sexual pode ser iniciada. Uma das meninas, inclusive, considera que o rapaz que ama sabe esperar até o casamento para fazer sexo com a moça.

“...igual o negócio do sexo, pra mim se uma pessoa forçar é porque não ama, se você namorar, você não quiser e seu namorado quiser e ele terminar contigo é porque ele não te amava, ele só queria você pra fazer sexo com ele, eu penso assim. (Então você acha que o namorado que ama, ele espera?) “Espera, o tempo que for.” (Beatriz, 16 anos)

Cabe ressaltar que somente duas meninas entrevistadas têm experiência sexual, todos os demais, meninos e meninas, são “virgens” ou, como Márcio, que tem dúvidas se a experiência de cunho sexual que viveu deva ser vista como tal. Esta experiência permitiu a este jovem perceber a importância do sexo com significado afetivo .

(E você já fez sexo alguma vez?) “Fazer assim, até fiz porque os meus amigos, entre aspas, amigos desse meio até que falaram: ah, você é virgem! Porque na juventude, agora, ser virgem é quase pecado, mortal, ser o maioral, não tem que fazer, mas eu acho que não foi sexo o que eu fiz, só...assim...sei lá, lembrei de algumas cenas que eu vi, que as pessoas falam, aí fui fazendo igual, eu acho que eu não fiz, que eu era tão inexperiente que eu fiquei até nervoso. (Que idade você tinha?) “Eu tinha 10, 11.” (Muito novo. Depois dessa vez aconteceu alguma outra vez?) “Não. Aí eu achei isso chato depois que eu fui conversando com jovens, fui sabendo com os amigos que já fizeram ou com os meus cunhados, aí eu vi que não era aquilo que eu pensava.” (Aí você nem sabe se na verdade você chegou a fazer sexo mesmo, né? E como é que você se sentiu tendo feito sexo ou quase tendo feito com uma pessoa?) “Pra mim é como se eu não tivesse feito nada, jovem tem esse negócio de orgasmo, eu não senti nada, aí todos os meus amigos perguntou como é que foi, como é que foi e eu falando um pouco de mentira, que eu não gosto de mentir...” (E o que você falou pra eles?) “Falei: eu gostei, foi bom, até a garota também falou que foi bom, mas ela mentiu também.” (Ela também mentiu...não foi bom pra nenhum dos dois?) “É.” (Então por que você foram fazer? Você por causa de pressão dos colegas e a menina ?) “Ela, as outras também pra não deixar ela sozinha, porque nós éramos 4, então elas aí já tavam com intenção de fazer, descobrir assim como é que é e eu queria saber também como é que é, é quase um estudo do corpo humano feminino, me interessar como é que é, como é que sentia, sentia assim um gosto em fazer, que eu tinha uns 7, 8 anos, 9, no máximo 10, eu não estou lembrando a idade certa, pode ter 7 ou 10 anos...”

É importante perceber que a maioria dos jovens que são praticantes em suas religiões ou têm uma educação sexual mais rígida justificam suas posições com base nas orientações que recebem dos pais ou da igreja, o que denota a força que estas instituições ainda têm sobre aqueles a quem educam. Márcio, católico praticante, considera que sexo sem amor visa satisfazer os “desejos da carne”:

(E pra fazer sexo, assim o que você pensa que é necessário pra fazer sexo com uma pessoa?) “Carinho, respeito, que fazer por fazer não está tendo carinho, tá satisfazendo a vontade, a vontade do corpo, da carne mas tem esse limite também, fazer sexo, ter carinho, um respeitar o outro, nada desses desejos da carne.”

Beatriz aponta que a educação sexual que recebe de sua família influencia até a intensidade de seu desejo sexual.

(Mas você acha que esse comportamento da mulher, por exemplo assim como você, procurar se guardar por casamento, isso é porque você não sente vontade ou porque você teve uma educação que acha que isso é errado?) “Eu acho que eu tive uma educação, eu vivo na igreja, eu vivo escutando as coisas, eu acho que vou me sentir terrível.” (Culpada, muito mal...se não fosse essa educação que você teve, se fosse considerar só a questão do desejo, você acha que a vontade seria igual, o desejo seria igual, você já teria tido um relacionamento com o teu namorado?) “Já, teria.” (Essa educação é que dá esse peso, é que faz com que você....) “Até perde a vontade.”

Alguns comportamentos, outrora considerados como atributos ou direitos desejáveis a um dos sexos e indesejáveis ao outro, como a necessidade de preservação da virgindade e o direito a rejeitar parceiros sexuais para as mulheres em oposição ao comportamento tradicionalmente esperado dos homens, são vistos por alguns dos adolescentes entrevistados como opções que eles podem fazer, independentemente de sexo. Tais valores que, na sociedade contemporânea, muitas vezes foram relacionados à restrição da liberdade sexual, são revalorizados por estes jovens por terem ganho um novo significado. Estes comportamentos são descritos como uma atitude de respeito a si mesmo e a seu próprio corpo.

“Eu acho que a mulher leva isso (a virgindade) mais a sério, tem mais respeito do que um homem, tem mais respeito com si própria do que um homem.” (Beatriz, 16 anos)

“Pra mim, eu acho que ser virgem, o importante é que não é porque eu não sou virgem, eu vou sair fazendo sexo com todo mundo. Mas eu sou, o bom de ser virgem é que tu sente aquele próprio respeito. Eu sou imaculado! Não é a mesma coisa de não ser virgem.” (E você acha que isso serve para o homem também?) “Tanto pra o homem como para a mulher.” (relato de Alexandre, 14 anos, que considera a sua virgindade importante devido ao sentimento de respeito próprio que lhe proporciona)

O casamento formal faz parte dos planos de cinco dos jovens entrevistados. Quanto às meninas, duas delas que residem no bairro do Sertão dizem preferir o casamento informal. É possível suspeitar que esta “escolha” possa também estar associada às suas dúvidas quanto às chances de conseguirem casar-se formalmente. Dentre elas, uma alegou temer ser deixada no altar pelo noivo a outra apresentou como argumentação para explicar sua preferência pelo casamento informal, justificativas que têm como base as dificuldades legais para romper o casamento formal e, o mais curioso, o fato de ser pecado separar...

(Qual é a diferença entre morar junto e se casar?) “... Não sei. Acho que casar... O juntar, eu tô com ele, né, aí nós juntamos, e se de repente, mais tarde, aí eu começo a desgostar, não gosto mais, enjoô, aí dá pra separar na boa. E casar? Tem um monte de coisas, tem essa história de divórcio, separação de bens, essas coisas assim. Juntar, não quer, não quer, tchau, vai embora, não precisa de mais nada. Agora casar precisa de muita coisa se quiser separar. É pecado, né, casar e separar. (E juntar, não é pecado, não?) “Ah! Sei lá, mas acho que é mais pecado tu casar, receber a benção ali dentro da igreja, sei lá, e depois separar. E juntar não, juntar tu está morando ali, tu não recebeu benção de nada. Aí, tu separar é pecado. Mas, melhor juntar que casar. É a mesma coisa assim, por um lado, mas pelo outro é diferente. Eu não quero casar não.” (Carla, 15 anos)

Entre os meninos, somente um deles diz não pretender casar-se. Nenhum deles abordou a questão do casamento informal.

(Mas tem sonhos, coisas que você gostaria?) “Tem, gostaria de ter uma boa companheira e ter dois filhos com ela.” (Marcelo, 14 anos)

(Você pensa em casar?) “Até já falei com ela da gente ficar noivo, mas casar agora não, no meu ponto de vista eu gostaria de casar com uns 22 anos, uns 24, é isso mesmo eu gostaria de casar.” (Márcio, 17 anos)

Ser Homem e Ser Mulher

Nesta etapa da entrevista pretendeu-se conhecer o que os jovens entendem como ser homem e/ou mulher, como eles vêem os relacionamentos heterossexuais e o que consideram ser os papéis paterno e materno junto aos filhos.

Um comentário torna-se fundamental neste momento, em que solicitamos aos adolescentes entrevistados que diferenciasssem homens e mulheres. Os atributos de cada

sexo são, muitas vezes, vistas pelo senso comum como características inatas, determinadas pela composição biológica ou fisiológica de homens e mulheres, entretanto, isto não foi percebido entre os jovens entrevistados. Os estudos de gênero trouxeram consigo uma importante contribuição a esta questão na medida em que têm enfatizado que os papéis sexuais são socialmente construídos. Na espécie humana, estes papéis já encontram-se definidos antes mesmo que nasçamos. Isto pode ser notado no seguinte relato...

(E o teu namorado também pensa em ter filhos?) “Pensa, principalmente menino.” (E por que ele quer ter um menino?) “Porque ele já fala em levar pra clube, essas coisas.” (E você quer menino?) “Menina.” (Por que menina?) “Porque eu acho menina mais bonitinho, ficar botando lacinho, essas coisas, igual a minha sobrinha, acho a coisa mais linda.” (Beatriz, 16 anos)

Dentre as características atribuídas a cada sexo, a sensibilidade é considerada, pelas meninas, uma característica feminina e a “dureza” (afetiva) como um atributo dos homens.

“Mulher é muito sensível. Pelo menos eu sou assim, muito sensível. A mulher se abre mais, ela procura alguém para desabafar. O homem, não. O homem quer guardar para ele só, somente para ele. Não quer se abrir com ninguém, se acha um durão. Eles não choram porque desde criança... isso é machismo já. Que homem não pode chorar, porque se chorar não é homem. Parece que eles são mais durões.” (E você acha que isso é bom ou ruim para eles?) “Eu acho que isso é ruim. Eu acho que eles deviam se desabafar, conversar, expressar os seus sentimentos.” (E por que os homens não expressam o sentimento deles?) “Não sei. Porque eles não tem coragem.” (Márcia, 14 anos)

“...homem é mais duro, mais ignorante, a mulher é mais sensível.” (Beatriz, 16 anos)

O espaço público e o papel de provedor ainda são relacionados, por alguns adolescentes, ao sexo masculino e o espaço doméstico e o cuidado com os filhos são considerados como domínios das mulheres. Contudo, mesmo estes posicionamentos apresentaram indícios de mudanças ou de questionamento em relação aos padrões dualistas e hierárquicos que tradicionalmente caracterizaram os papéis sociais de homens e mulheres. Outros jovens entrevistados consideram que a responsabilidade do sustento da família cabe igualmente ao homem e à mulher. Pode-se notar uma correlação entre o tipo de visão relativo a este aspecto e a realidade das famílias dos adolescentes.

No relato de Márcia o papel de provedor cabe ao homem e o cuidado com os filhos é mais responsabilidade da mulher. Entretanto, a mulher deve colaborar também com a renda familiar através de seu trabalho:

(O sustento da casa, da família, de quem é essa responsabilidade?) “Eu acho que é do homem.” (Não é uma responsabilidade da mulher?) “Não. A mulher tem que ficar em casa cuidando dos filhos.” (E se o homem não tiver condição de sustentar? Como é que vai ser?) “Mas aí a mulher também tem que ter o seu serviço. Para os dois poderem ajudar. Mas eu acho que quem deve ter mais responsabilidade é o homem.” (E quem tem mais responsabilidade de cuidar dos filhos? Alguém tem mais responsabilidade?) “Acho que é a mulher.” (Márcia, 14 anos, cujo padrasto é responsável pelo sustento da família, mas a mãe colabora na renda familiar com o trabalho de faxineira.)

No posicionamento de Beatriz, caracterizado por uma visão dualista, mas não hierárquica, em relação aos papéis sexuais pode-se ver um questionamento em relação à crença de que as mulheres sofrem mais do que os homens no desempenho de suas tarefas:

“...A mulher fala: mulher sofre, mulher tem que ficar dentro de casa fazendo serviço de casa, só que eu acho o homem também não é fácil, ele tem que sair pra botar as coisas dentro da casa, acho que também a maioria das mulheres falam isso, igual quando fica menstruada, fica falando por que o homem não tem essas coisas, na hora de ter filhos, porque não é o homem que tem, mas eu acho que o homem também tem um papel muito difícil, tem que colocar as coisas dentro de casa, tem que sustentar família, eu acho que é igual, não tem nada de mulher sofrer mais que homem.” (Beatriz, 16 anos, cujos pais são casados. Seu pai é o principal responsável pelo sustento da casa, mantendo-se distanciado das tarefas domésticas, principalmente da orientação aos filhos. Sua mãe contribui financeiramente com o trabalho de costura que realiza em casa e é a principal responsável pela educação dos filhos.)

Segundo Marcelo o sustento da família é uma atribuição masculina, embora a mulher também participe neste sentido como colaboradora. O cuidado com os filhos, por seu lado, é visto como responsabilidade que deve ser compartilhada igualmente por ambos os genitores.

(Você acha que ter filhos é tão importante pra homem quanto pra mulher ou é mais importante pra um do que pra outro?) “Acho que é igual” (Você acha que o pai tem a responsabilidade igual a da mãe ou é diferente?) “Acho que é igual.” (Então por exemplo dar banho, trocar fralda, quem tem responsabilidade por isso?) “Tem vez que a minha mãe que dá, tem vez que o meu pai que dá.” (Então os dois tem essa responsabilidade, na tua casa teus pais dividem essa responsabilidade, a responsabilidade de sustentar a família quem tem, os dois ou um deles?) “Meu pai sustenta e minha mãe compra umas coisas, xampu, prato quando quebra, essas coisas de casa. (Você acha que o homem tem mais responsabilidade com o sustento da casa do que a mulher?) “Acho que é.” (Ele tem que ter ou é só porque a tua família tem?)

Você acha que o homem deve ter mais responsabilidade ou é igual a responsabilidade da mulher? “É o homem.” (Marcelo, 14 anos)

“...eu falei com ele: só vou morar contigo se você arrumar uma casa e estiver trabalhando. Agora ele falou: Vem morar aqui comigo, que eu arrumo um serviço. Eu falei: Primeiro tu arruma o serviço, depois eu venho morar contigo. Eu vou sair da casa da minha mãe, morar ali com ele sem ele estar trabalhando, nós vamos comer o quê, né? Por isso que eu falei: Vai arrumar um serviço. Vai agüentar a pressão? Eu, tu e Pedro? Sustentar calçar e vestir? Vai? Aí ele: É só eu arrumar um serviço. Então, arruma que eu venho morar contigo. (E ele tem procurado?) Tem nada, agora ele está ficando com o Pedro. Está, mas eu vou falar pra ele, “Ó Zeca, vou esperar a caxumba dele passar, vou pegar a declaração na escola pra botar ele na creche, e tu vai procurar um serviço”. Porque a minha vó me xinga, minha mãe me xinga, né, porque ele não trabalha, porque têm só elas pra dar as coisas. Mandam ele arrumar um serviço senão vão botar ele na justiça. Falam um monte de coisa. (Você acha que o Pedro é importante da mesma forma pra você e pra ele ou tem alguma diferença?) Ele disse pra mim que é muito importante o filho dele, que é coisa mais importante da vida dele o filho dele. Aí ele: Primeiro o Pedro, depois tu. Ele fala que é importante. Antes não, antes quando o Pedro era pequeno, se ele chorava de noite, era só eu. Agora não, se ele chora, se ele passa mal, ele ajuda, pega, cuida, agora ele cuida melhor que quando era pequeno. Ele fala que é porque quando ele era pequeno, ele não tinha jeito não. Agora já está andando, né, já sabe pedir as coisas que ele quer comer, só com o dedo “Dá, dá”, aí ele falou que fica mais fácil, porque quando é pequenininho, só quer mamar no peito, só no peito. E agora ele está ajudando mais. Só que tem hora, quando ele está lá com aqueles amigos dele, você pede a ele pra ficar e ele : Ah, agora não posso. (Você acha que o papel do pai, da mãe, junto ao filho é igual, ou é diferente? O papel do pai é diferente do papel da mãe, ou é mesmo?) “Ah! Eu acho que é diferente. O pai sabe cuidar, mas a mãe melhor ainda, né? Porque o pai não liga muito pra cuidar, “ah, está com cólica, está doendo aqui, está doendo ali”. Só trata se está com fome, aí dá comida, essas coisas assim. Mas, eu acho que a mãe tem mais cuidado, sabe melhor das coisas...” (E o sustento do filho? O sustento do filho é responsabilidade de quem?) “Ah! Eu acho que é dos dois.” (Então, você e Zeca têm a mesma responsabilidade do sustento do Pedro?) “É, eu acho que sim.” (Carla, 15 anos, em cujo relato pode-se perceber certa contradição quanto a quem cabe o papel de provedor das necessidades familiares. O cuidado com o filho já é visto como responsabilidade do homem e da mulher, embora a mulher pareça desenvolver esta tarefa melhor do que o homem)

Uma importante observação a ser feita em relação a este tema é a coexistência dos valores tradicionais (hierárquicos) e modernos (igualitários). Pode-se perceber uma repetição do discurso igualitário em relação aos papéis masculinos e femininos, mas quando referidos pessoalmente à esta questão, alguns adolescentes mostram-se ainda ligados à valores tradicionais, onde ao homem é atribuído o papel de provedor e o espaço público e à mulher a maior responsabilidade pelo cuidado com os filhos e o espaço privado.

Para Bruno, o sustento da família é atribuição de ambos os pais:

(Por exemplo, o sustento da casa é obrigação tanto do homem quanto da mulher, ou obrigação mais de um do que do outro?) “Eu acho que os dois, mas quando um tá na pior, acho o outro tem que ajudar, quem tem mais direito, mais posição, acho que tem que ajudar mais.” (Bruno, 15 anos, cujos pais vivem separados sob o mesmo teto. A mãe contribui igualmente para o sustento da casa.)

Uma das adolescentes exprime em seu relato uma visão igualitária ao diferenciar homens e mulheres segundo o comportamento e não segundo o sexo, sem atribuir de forma diferenciada por sexo determinados tipos de comportamento.

“Tem homem que é muito canalha, né, que é muito safado, mas tem homem, não, que é mais compreensivo, mais amoroso. Que tem uns homens que não presta, que faz canalhice, está contigo aqui, e fala isso, e fala aquilo. Enche de ilusão, e depois por trás está com outra, ilude a outra também. Aí, tem homem muito canalha, mas tem homem que presta e tem homem que não presta... Tem muita mulher safada também, e tem muitas mulheres que não, né? Tem mulher também que é igual homem, ilude um aqui, ilude outro ali. Eles que gostam, né, que são bobos. Se ilude aqui, ilude ali. Mas, tem umas não, que já vão querer um compromisso ali, só fica na boa com ele, ou então, não fica com ninguém.” (Carla, 15 anos)

A anatomia feminina e a menstruação são vistas pelos meninos como fatores que restringem a liberdade feminina. Para alguns deles ser homem é melhor (e não somente diferente) do que ser mulher...

(O que você acha de ser homem, o que é pra você ser homem?) “Fazer coisas que mulher não pode fazer, sendo que eu fico assim com as minhas irmãs: ah, eu posso fazer isso, vocês não podem, eu posso jogar futebol, sair por aí, ficar sem camisa quando está calor...” (Márcio, 17 anos)

(Por que ser homem é melhor do que ser mulher?) “Ah, mulher menstrua. Fica naqueles dias. Os homens, não. O homem já pode ser mais à vontade. Pode fazer xixi aonde quer. É isso.” (Alexandre, 14 anos)

(E o que é ser mulher, o que você pensa sobre ser mulher?) “Ah, o bom também de ser homem é que homem não sangra.” (Então o homem não sangra, isso é bom...) “É. (E o homem pode andar sem camisa, pode jogar futebol e outras coisas mais. E ser mulher?) “Aí é ruim, comprar absorvente, sangrar...” (Márcio, 17 anos)

Alexandre definiu o ser homem a partir do não-ser mulher ou homossexual :

“É melhor do que ser mulher e do que ser homossexual também. Mulher tem muito problema.” (Alexandre, 14 anos)

A liberdade é vista pelas meninas como um privilégio masculino...

“Os meninos são bem mais livres do que as mulheres. (Vanessa, 16 anos)

“Agora, os meninos já podem sair tarde, podem fazer o que querem.” (Márcia, 14 anos)

A maternidade é vista por Beatriz como vantagem das mulheres sobre os homens...

(Por que é bom ser mulher?) “É diferente, tu tem o prazer de estar carregando o teu filho... Eu acho que a maior coisa é só em carregar o filho, pra mim é o mais importante numa mulher, vale mil vezes do que ser homem. ” (Beatriz, 16 anos)

O cuidado com os filhos é visto por Alexandre como algo naturalmente atribuível às mulheres...

Eu acho que mulher tem mais jeito para cuidar de filhos do que homem. Mulher é mais forte para parir um filho do que o homem... Por isso que Deus fez o homem e a mulher. A mulher tem que aturar... (Alexandre, 14 anos)

Em vários momentos os meninos entrevistados mostraram-se contraditórios ao falarem sobre os atributos e papéis sexuais. Valores hierárquicos e igualitários misturam-se nas suas falas, e quando eles percebem isso procuraram negar os valores hierárquicos. Tal comportamento que pode ter sido influenciado pelo fato da entrevistadora ser mulher.

(A liberdade da mulher é igual a liberdade do homem?) “É , em algumas coisas, tipo sair pra se divertir, não pra beber, tem como tomar o chopp, uma pessoa de idade tem mais cabeça, agora na nossa adolescência acho que tinha que ser assim, quase que todos os meus colegas aqui, a gente ensaia a noite uma vez ou outra, a gente não bebe, se a gente beber, a gente fala: ó vou tomar um chopp, um chopp é o que: um refrigerante você já sabe o que é, o que você vai tomar, não, vou tomar um chopp,... pra ela não ficar sem lógica, a liberdade da mulher pra mim é sair , se divertir, tem outras pessoas também, caso de outros rapazes que saem, enche a cara, pega o carro, sai correndo, quer arrumar mulher, pegar em qualquer lugar, algumas mulheres tem a cabeça mais no lugar, conversar e se entender com outras pessoas, eu acho que as mulheres são mais em frente.” (Bruno, 15 anos)

“Por isso que Deus fez o homem e a mulher. A mulher tem que aturar...” (Ela tem que aturar os filhos?) “Não só os filhos, que aí quem tem que aturar é os dois. Mas na hora de cuidar é melhor os dois.” (Alexandre, 14 anos)

As meninas apontam diferenças valorativas em relação a determinados temas (virgindade, múltiplos parceiros, homossexualidade, fidelidade) para homens e mulheres.

“ Pro homem vergonha é ser virgem, pra mulher vergonha é não ser virgem... Porque mulher, se tem um homem aqui, fica com outro ali, é piranha, está na boca do povo. Homem não, se faz isso é garanhão. Agora, pra tu desmoralizar um homem, é tu falar que ele está andando com outro. Pelo menos aonde eu moro, né? Pra tu desmoralizar é tu falar que está andando com outro...” (Carla)

“Eles ficam só na rua. Eu acho que tinha que ser a mesma coisa, eles e elas na rua. Não só eles”. (E você acha o que?) “Eu acho errado. Eu acho errado eles quererem mandar na gente. Eu não obedeco ele, não. Se tiver que ficar na rua eu fico. Eu não proíbo ele de nada, ele vai me proibir.” (Vanessa sobre seu namorado, que acha que lugar de mulher é em casa)

Neste último relato pode-se perceber o inconformismo de Vanessa diante da tentativa de seu namorado de impor a ela determinadas regras de conduta às quais ele próprio não obedece. Vanessa defendeu, em diversos momentos da entrevista, a igualdade de direitos entre homens e mulheres e, na sua relação com o namorado, tem enfrentamentos para por isto em prática. Entretanto, esta afirmou que considera que os relacionamentos eram mais fáceis quando havia diferenciação de direitos: o homem mandava e a mulher obedecia.

Nos relacionamentos desta e de outras jovens a igualdade de direitos entre homens e mulheres é um valor que permeia suas práticas, fazendo com que estas cobrem coerência aos seus pares.

A maioria dos jovens entrevistados considera que homens e mulheres têm os mesmos direitos, não só sexuais como em todos os sentidos. Três deles afirmaram que os direitos sexuais são diferentes e uma das meninas, especificamente, enfatiza que a diferença quanto à experiência sexual é necessária...

(Você acha que os homens e as mulheres tem os mesmos direitos em relação ao sexo ou não?) “Como assim, os mesmos direitos?” (As mulheres podem fazer as mesmas coisas que o homem em termos de sexo?) “Aí, não sei te responder.” (Talvez você já tenha até me respondido isso quando você disse que você acha que os meninos não devem chegar virgens ao casamento e as meninas sim. Agora, você acha que é bom que as coisas sejam dessa maneira ou não? Ou você acha que todos deviam ter os mesmos direitos, terem sexo antes do casamento ou se guardarem para depois, o que você acha?) “Eu acho que um dos dois tem que ter experiência e esse tem que ser o homem.” (Márcia, 14 anos)

Quanto ao relacionamento afetivo-sexual, a maioria dos adolescentes consideram que homens e mulheres amam da mesma maneira, mas há diferenças entre os sexos no que se refere à forma de sentir demonstrar amor ou afeto. Estas diferenças podem se referir à seriedade com que homens e mulheres levam o relacionamento, à

fidelidade, à poli ou monogamia ou à expressão ou não do amor. Os homens são considerados menos sérios, mais infiéis, mais reservados ou mais preocupados com quantidade de parceiras.

“A maioria é diferente, mas tem igual também porque é o caso do meu namorado, aí mas eu acho que é muito diferente, eu acho que a mulher ama muito mais do que o homem, que hoje em dia homem fala: ah, fiquei com, tantas num baile, agora a mulher não, ficou com aquele ali, não fica com mais ninguém.” (Beatriz, 16 anos)

Eu acho que eles amam da mesma maneira, mas eu acho que o homem tem mais... é mais duro, não fala quando sente.” (Carla, 15 anos)

(Você acha que os homens e as mulheres amam da mesma maneira ou tem diferença?) “Eu acho que tem diferença.” (E qual é?) “Acho que mulher leva mais a sério do que homem. Homem, assim, ficou com uma garota ali, “não, não gostei, não.” Aí a menina gostou, aí “não, não quero isso, não. Vou partir pra outra.” Faz sexo com a garota ali, mas só porque a garota gosta dele, ele vai pisar. Eu acho que a mulher gosta de um jeito diferente do que o do homem.” (Alexandre, 14 anos)

Carla (15 anos) tem uma visão mais igualitária, no que tange à fidelidade, em relação aos homens e mulheres. Ela considera que os homens e as mulheres não diferenciam-se quanto à fidelidade, existem homens fiéis e infiéis e mulheres fiéis e infiéis também, não atribuindo determinados comportamentos a um ou outro sexo específico.

“Tem umas pessoas que são infiéis, né, tanto o homem quanto a mulher, mas tem uns que não, que são fiel um ao outro...”

Beatriz (16 anos) faz uma distinção de comportamento por gênero em relações de amizade e amorosas. Para ela os homens são mais confiáveis do que as mulheres enquanto amigos, porque as mulheres são mais fofoqueiras. Neste campo, os homens são tão sensíveis quanto as mulheres. Já nas relações afetivo-sexuais os homens são menos confiáveis do que as mulheres.

“...Eu acho que hoje em dia a maioria das mulheres tem mais amigo homem do que amiga mulher, eu também tenho muito amigo homem, eu acho que eu tenho mais amigo homem do que amiga mulher.” (E por que isso?) “Porque eu acho que hoje em dia mulher com mulher eu não confio muito nas minhas amigas, eu não sei se porque é só mulheres também, mas eu não confio, eu acho que eu confio mas em homem do que em mulher, assim pra amizade mesmo eu confio mais em homem.” (Por que?) “...Parece que a maioria das mulheres tem o padrão de ser fofoqueiras, eu acho que homem não vai sair espalhando as coisas igual mulher faz.” (Antes você disse assim: as mulheres são mais sensíveis, os homens são mais ignorantes e duros...) “É, mas tem essas coisas de fofoca, de tu contar as coisas, eu acho que um homem não vai sair falando, agora eu acho que uma mulher já ia sair falando.” (Então as

mulheres são menos confiáveis do que os homens...) “Eu acho que sim.” (E os homens...) “Mas no caso da amizade...”

Metade dos jovens entrevistados, a maioria do sexo masculino, consideram que o momento para iniciar a vida sexual não tem diferença para homens e mulheres; o importante é gostar da pessoa e haver reciprocidade. Entretanto, duas meninas consideram que o momento certo para a mulher iniciar a vida sexual é diferente do homem: para a mulher somente após o casamento, para o homem antes.

(Mesmo que você ame já a pessoa, não pode ter sexo antes do casamento?) “Não pode.” (E é por medo de engravidar ou é por outra coisa também?) “Ah é porque, não é por medo. É porque eu acho que é certo o sexo depois do casamento. Que antes, eu acho que sei lá, é estranho, não é certo.” (Isso você pensa para meninos e para meninas ou só para as meninas?) “Para os meninos é impossível, casar sendo virgem. Impossível não, mas é muito difícil.” (Márcia, 14 anos)

“Eu não sei explicar isso, pra maioria dos homens, muitos deles vai por quantidade, eu acho que é um pouco diferente sim, que pra mulher, por mim, quando eu casar, vai ser quando eu casar e só com o meu marido, agora já homem não, vai antes de casar, quantas mulheres for possível.” (Beatriz, 16 anos)

As meninas, entretanto, consideram que o amor é um ingrediente fundamental para a mulher fazer sexo, antes ou depois do casamento. Para todas elas, a mulher que “se entrega” sem amor não tem dignidade.

(Você acha que o sexo é igual para homem e para mulher, tem a mesma importância, tem o mesmo significado?) “Eu acho que não. Porque os homens as vezes eles querem fazer sexo por vontade mesmo. As mulheres se entrega por amor, porque ama. Só que não é nada disso que ela pensa. Se entrega, aí depois se arrepende. Se entrega para a pessoa errada.” (A mulher é capaz de se entregar sem amor?) “Eu acho que é. Porque se a mulher não tem dignidade, ela se entrega mesmo.” (Márcia, 14 anos)

Nas falas dos meninos encontra-se a valorização do afeto para iniciar a vida sexual, ao contrário das práticas mais tradicionais de iniciação sexual masculina, onde estes faziam sexo com uma prostituta dissociando, desde então, a prática sexual do afeto.

(E pra ter algum envolvimento sexual, o que é necessário pra uma pessoa ter envolvimento sexual com outra, ter relação sexual?) “Acho que tem que ter muita intimidade.” (E como se consegue essa intimidade?) “Acho que mais a frente que a gente sabe sobre isso, deixando o tempo levar.” (Bruno, 15 anos)

O desejo sexual é visto de forma igualitária por uns e hierárquica por outros adolescentes entrevistados. Uns afirmam que este é igual para homens e mulheres, outros que os homens gostam mais de sexo do que as mulheres.

“Acho que é porque eles gostam muito de sexo. Por isso que eles aceitam.” (E as mulheres não gostam tanto de sexo?) “Eu acho que não.” (Então do que as mulheres gostam?) “Acho que mais de um clima legal, tem que ter um romance e se entregar na hora certa.” (O homem é mais ligado em sexo?) “O homem é qualquer hora.” (Márcia, 14 anos)

“Tem mulheres que querem, tem mulheres que não querem, tem homens que querem, tem mulheres que não querem, eu acho que é o homem que puxa mais o assunto, que quer mais transar com a mulher, eu acho que é mais o homem.” (O homem tem mais desejo do que a mulher?) “É, eu acho que é igual, também pode ser igual, porque tem certas mulheres aí que quer, que quer e os homens não querem, a gente vê muito caso assim na televisão também, novela, eu acho que é tudo igual.” (Bruno, 15 anos)

É importante observar certa contradição no relato de Bruno que, a princípio, parece apontar que os homens têm mais desejo sexual do que as mulheres e, posteriormente, afirma que este é igual para ambos os sexos.

Quando indagados sobre o “direito” de recusarem a aceitar alguém que esteja se oferecendo para eles, os meninos afirmaram que tanto meninos quanto meninas podem fazê-lo.

(Por exemplo, um homem pode recusar fazer sexo com uma mulher que queira fazer sexo com ele?) “Olha pode, e dependendo a mulher pode ser muito rápida na queda, tem um ditado também: se quer porque quer, pode estar bichada, então eu acho que eu prefiro conhecer, conversar com a pessoa, conhecer, conviver com a pessoa pra depois pensar nisso.” (Bruno, 14 anos)

Para Márcio (17 anos), os homens aparentam um conhecimento sexual que realmente não têm. Não há espaço, entre eles, para se falar das dúvidas em relação o sexo...

(Você acha que é cobrado do homem que ele saiba de tudo, ainda hoje é cobrado isso dos homens?) “Não, no meu ponto de vista não, não é cobrado, um entende menos que o outro...” (Um entende menos que o outro? E você acha que o homem tem espaço pra falar isso de que ele não sabe isso, não entende?) “Todo homem, ele acha que já sabe de tudo, isso eu sei, isso é o certo, isso não é, isso é errado, uma resposta sensata eu não tenho.”

A fidelidade é valorizada por todo o grupo de jovens entrevistados e estes consideram que deve ser respeitada tanto por homens e mulheres. Esta é atrelada ao amor por todos eles, que consideram que quem ama não trai. Entretanto, a maioria

destes adolescentes afirmou que os homens têm mais tendência a traírem do que as mulheres.

(Você acha que o homem e a mulher dão a mesma importância a fidelidade, ou o homem dá mais importância do que a mulher, ou a mulher dá mais importância do que o homem à fidelidade?) “Fidelidade pode ser o homem pra mulher, como da mulher pra o homem.” (É...é mais comum o homem ou a mulher trair?) “Acho que os dois, acho que tá mais pro homem, porque o homem às vezes pode gostar e desgostar, acho que tá mais pro homem.” (Bruno, 15 anos)

Beatriz considera que muitos homens acham que têm o direito de traírem e de cobrarem fidelidade das mulheres.

(Você acha que a fidelidade é importante pra homens e pra mulheres?) “Acho. Eu acho fundamental na vida de qualquer um.” (Os homens também tem que ser fiéis, não só as mulheres?) “Não.” (De uma forma geral você acha que os homens pensam assim, que as mulheres pensam assim?) “Alguns sim, mas alguns também não pensam nisso, muitos também pensam que ele não deve ser fiel, mas a mulher tem que ser fiel a ele. Muitos pensam assim.” (Beatriz, 16 anos)

Mas, na prática, três dos entrevistados já traíram as pessoas com quem namoram ou namoraram. Os motivos apontados foram a oportunidade, a curiosidade de beijar outra pessoa, ou um motivo igualitário, o ter sido traída pelo namorado.

(Já aconteceu de você estar namorando um rapaz e aparecer outro e você ficar com ele?) “Já. Já aconteceu assim, porque esse meu namorado ele bebia. Já bebeu, aí ele bebeu e me traiu com uma mulher lá de onde eu morava. Mãe de neto e tudo. Ficou com ela, só que eu não estava em casa. Minha mãe descobriu e queria proibir o namoro e tudo. Aí eu peguei e trai ele também. Foi vice e versa.” (Ele traiu e você deu o troco.) “Isso. Eu dei o troco.” (Se ele não tivesse te traído, você teria coragem de trair ele também da mesma maneira?) “Não.” (Vanessa, 16 anos)

Beatriz considera que a pessoa que trai porque foi traída está se “rebaixando”

(Se um homem quebrar a fidelidade, se o teu namorado quebrar a fidelidade que ele tem a você, você se acha no direito de quebrar a fidelidade que você tem a ele?) “Eu me acho no direito de acabar tudo, mas agora eu não vou me rebaixar porque pra mim ele já virou qualquer um, então eu também não vou me fazer virar qualquer uma por causa da fidelidade dele.” (Beatriz, 16 anos)

Nos relatos dos jovens entrevistados sobre a importância dos filhos para homem e mulher, a maioria considera que os filhos têm igual importância para o homem e para o mulher. Apenas dois deles (um menino e uma menina) acham que estes são mais importantes para a mulher.

(Você acha que a questão de ter filhos é mais importante pro homem ou pra mulher ou igual pra os dois?) “Mais eu acho que pra mulher, que a mulher tá ali vivendo aquilo, já o homem não, pra uns é até importante também, mas uns eu acho que não ligam muito não.” (A maior parte das mulheres querem ter filhos...) “A maioria.” (Beatriz, 16 anos)

Entretanto, ao buscar aprofundar a compreensão desta questão pedindo que os jovens descrevessem os papéis do pai e da mãe junto aos filhos, pôde-se ver relatos em que há uma clara distinção entre o papel feminino e masculino em relação ao cuidado e sustento dos filhos e outros onde coexistem valores igualitários e hierárquicos.

(Você acha que a responsabilidade pelos filhos é igual para homens e mulheres ou é diferente?) “Igual.” (Qual é a responsabilidade do pai para com os filhos?) “De educar, estar lá na hora que ele precisar, conversa, cuidar também... como o meu pai, eu queria fazer o que ele sempre fez com a gente, cuidar, incentivar em alguma coisa; quando eu era menor precisando atravessar a rua, ensinar, passear, se for homem jogar futebol, se for menina não sei o que se faz com menina. (O papel da mãe qual é?) “Com menina conversar como é que o corpo dela vai se desenvolver, cuidar, educar, eu nunca soube como é que seria com menina...” (Márcio, 17 anos)

(Qual o papel do pai pra você, que o pai deve ter junto aos filhos?) “Dar conselhos, ensinar as obrigações do dia-a-dia, principalmente dar conselho.” (E o papel da mãe?) “É tudo, tudo que acontece a mãe tem que ensinar, a mãe tem que fazer tudo.” (É maior que a tarefa do pai junto aos filhos?) “É.” (A mãe tem mais obrigações com os filhos ...) “Do que o pai.” (Qual é a diferença entre a obrigação do pai e da mãe?) “Eu acho que pros próprios filhos, a mãe às vezes é até mais importante do que o pai, porque tá ali, tudo que acontece é ela que fala, no meu caso tudo que tem que pedir é a ela, não sei se é porque eu vivo mais com a minha mãe do que com o meu pai, mas eu acho que é a mãe.” (Beatriz, 16 anos)

Embora não tenha sido um tema abordado em todas as entrevistas, a questão do risco de envolvimento com drogas é diferenciado por sexo, segundo a opinião de alguns destes jovens. Os meninos são vistos como tendo maior risco de envolvimento com as drogas do que as meninas. Para um deles o risco para as meninas, no caso de comportamentos socialmente desviantes é o de envolvimento com prostituição.

(De uma forma geral pelo que você observa das pessoas da tua idade, os outros jovens, os outros adolescentes, quem tem mais risco de se envolver com drogas, os meninos ou as meninas?) “Acho que são mais os homens.” (Os meninos. E por que você acha que os meninos tem mais chance?) “Sei lá, eu sei dessa idade, mas eu vejo muita coisa, porque onde eu moro a parte de baixo do meu sítio, o portão é quebrado ... que tem uma casa abandonada, o mato tá começando a invadir essa casa que tá abandonada, então eu tive que arrumar um mutirão pra limpar, então não tem como, a cabeça muito em dia pra fazer, então pula muita gente ali pra fumar, mas a possibilidade mesmo é mais dos homens.” (Por que você acha que os homens tem mais risco de se

envolver com drogas do que as meninas?) “Aí eu não sei te dizer, cada um tem seus problemas, pode dizer que perdeu o emprego, às vezes largou os outros por causa de um parente que morreu, que era muito apegado, cabeça muda, algum problema, porque dificilmente eu vejo mulher pular ali, uma vez que eu vi, eu fiquei bobo, só foi uma vez só que eu vi uma mulher pular lá, uma não, duas.” (Por que você acha que as mulheres se envolvem menos com drogas do que os homens?) “Isso aí eu não sei te explicar.” (relato de Bruno)

(Você acha que os meninos e as meninas tem o mesmo risco de se envolverem com drogas ou o menino, ou a menina tem mais risco?) “Não, eu acho que é tudo igual, mas reportagem mostra mais quem é menino.” (relato de Márcio)

O Grupo de Pares

Os assuntos mais abordados entre os grupos de pares dos adolescentes entrevistados são aqueles relativos à vida afetivo-sexual. Portanto, o namoro, principalmente, assim como o “ficar”, a virgindade, o sexo e a fidelidade são temas freqüentemente abordados pelos amigos e amigas destes jovens. Outros assuntos tais como a música, dança, futebol e brigas foram apontados por dois meninos como interesses que também permeiam habitualmente as conversas de seus grupos.

(Que tipo de assunto é mais comum na sua roda de amigos?) “É mulher.” (E o que vocês costumam falar sobre mulheres?) “Ah, um monte de coisas. “É muito bom, ficar. Beijar. Namorar.” Essas coisas assim, conversas de jovens e adolescentes.” (Alexandre, 14 anos)

O sexo é um tema freqüente nos grupos de pares dos entrevistados, mesmo sendo a maioria deles virgens. Entre as meninas este assunto é abordado à partir de um determinado enfoque: quem é ou deixou de ser virgem. Entre os meninos, o sexo em si é uma curiosidade; portanto, estes imaginam a experiência vêem revistas, imaginam a experiência sexual e buscam esclarecimento a este respeito com os colegas.

(É comum surgirem conversas também, sobre namoro você fala que surgem, sobre sexo no grupo de amigos?) “Surge assim na zoeira, falar que já foi, igual a minha prima ela fica falando, eu já fui tu não sabia não, só brincadeira mesmo.” (Ela não fala sério quando ela fala...) “Não, mas eu acho que ela não é mais virgem, eu acho, só que ela não fala, tanto eu quanto as outras meninas também acham.” (Que ela não é mais...e as outras meninas do grupo você acha que são?) “Eu acho que sim.” (Beatriz, 16 anos)

(É comum surgir no grupo dos teus amigos que pode ser o Márcio e o Alexandre ou outros amigos assuntos sobre namoro e sexo, vocês conversam sobre isso?) “Ah, pô muito.” (E que tipo de opinião eles tem sobre namoro?) “Opinião a gente não.... opinião assim a gente não tem, a gente só conversa, imagina e fala, agora praticar assim, muito difícil.” (Sim, agora sobre

namoro, sobre as meninas o que vocês conversam ?) “A gente conversa, aquela garota é muito bonita, ah, não, não sei o que, fiquei com uma garota, ficou, tchau, vai embora, a gente fica zoando por causa disso, cada mulher que a gente pega, a gente tem que ficar rindo. (Bruno, 15 anos)

O “ser homem” ou “ser mulher” não costuma ser abordado diretamente pelos amigos destes adolescentes. Entretanto, um menino e duas meninas afirmaram que seus pares de alguma forma refletem sobre estes tópicos.

(Ainda nesse grupo de amigos a questão da virgindade é uma coisa importante, entre os meninos e as meninas?) “É.” (Todo mundo valoriza a virgindade da menina, que as moças se mantenham virgens até o casamento?) “Até o casamento.” (E o que eles pensam do homem, da virgindade do homem, da liberdade do homem em relação ao sexo?) “Eu acho que eles não ligam muito, uma amiga minha ela tá namorando um rapaz que engravidou outra menina de 15 anos, ela já teve até o filho, ela tá namorando ele, só que os pais dela ainda não sabem que ele tem filho, que eu acho que vai ser um choque para os pais dela, mas eu acho que não é igual pra mulher não.” (Então os homens tem uma exigência diferente em relação a mulher, que ela seja virgem, ainda existe essa expectativa de que as moças sejam virgens...) “É.” (Você acha que eles diferenciam moça pra casar e moça pra transar?) “Eu acho que sim.” (Então o que os teus amigos e as tuas amigas pensam sobre essa questão, ser homem?) “No nosso grupo, eu acho que não tem diferença nenhuma, eu acho que o respeito ocorre tanto no meio dos homens como no meio das mulheres um com o outro, no nosso grupo ali que a gente sempre tá junto, acho que não tem diferença nenhuma, um garoto até parou de andar com a gente, acho que ela vai virar padre, ele tá pensando se ele vai ser leigo ou vai ser padre, ele até se distanciou da gente, mas a gente não tem diferença nenhuma.” (Mas entre o grupo de amigos, se você percebe que as pessoas acham que homens e mulheres são diferentes, que homens podem certas coisas que mulheres não podem?) “Não.” (Beatriz, 16 anos)

(E o que eles pensam sobre ser homem, por exemplo?) “Eu acho que quando o garoto é virgem, ele é mais quieto, na dele, fala as bobearas dele, aí depois que ele vira homem, ele acha que pode falar tudo, é mais autoritário, ele acha que fala qualquer coisa ali, todo mundo tem que rir, ou fala alguma coisa que ele falou, pronto é sério...” (A partir do momento que o homem deixa de ser virgem, muda a forma de ser...) “Muda, muda muito. Eles acham que podem mais porque eles são homens.” (E incorporaram essa coisa de ser homem, de ser mandão...) “O todo-poderoso.” (E ser mulher, o que eles acham a respeito?) “Tem uns caras assim, se vai perde a virgindade com o cara, aí tu fica com ele um tempinho, depois tu larga ele e começa a namorar outro, ele chama de piranha, fala que é piranha porque tu deu pra um hoje, aí tá com aquele lá e tu vai dar pra ele também, tem umas não, que eles sabem que a mulher é virgem, mas tá com o namorado dela, não vou nem tocar no nome não que ela é quieta, o marido dela, agora não, eles gostam muito de falar, aquele fulana é piranha, aquela ali tá com AIDS, aquela ali tá com isso, aquela ali tá com aquilo e na verdade eles não sabem de nada, só dão o palpite deles, agora saber das coisas mesmo eles não sabem não.” (E o que as meninas pensam sobre isso?) “As meninas lá de onde eu moro que eu conversei, acho que são bem isso mesmo que eu estou falando: eu dá, é ruim,

hein, deve doer muito! Pensam em dar, mas ficam com medo, as que não são virgens falam pra dar bastante, que é bom, as virgens tem mais vergonha de falar, o que pensa, o que não pensa.” (Então você acha que a partir do momento que os jovens, tanto homens quanto mulheres passam a ter uma vida sexual, eles mudam, os homens de uma maneira, como você falou, passam a ser mandão, e as mulheres...) “de outra...” (De outra maneira, elas ficam mais desinibidas pra falarem sobre sexo...) “É verdade, igual essa minha vizinha que engravidou agora, ela tinha vergonha de falar, aí depois de um tempo, ela começou a tocar no assunto, ninguém sabia que ela não era virgem, começou a tocar no assunto de sexo, mandou umas contar as coisas pra ela, aí depois um tempão que ela tava grávida de 4 meses, que aí descobriram que ela tava grávida, a mãe dela levou ela no médico, eu falei: é, quer enganar os outros, tu perguntava pra gente, pra nós contar, mas tu não era virgem não! Tu é muito esperta!” (Carla, 15 anos)

Nos relatos destas meninas pode-se perceber que a virgindade é um ponto a partir do qual diferencia-se o valor atribuído ao comportamento de homens e mulheres. No primeiro relato pode-se notar a contraditoriedade existente entre perceber que há diferença valorativa quanto à virgindade para homens e mulheres e negar que haja diferença de direitos entre homens e mulheres no seu grupo. O segundo relato, traz um teor mais igualitário ao considerar que homens e mulheres mudam os seus comportamentos depois de iniciarem a vida sexual, mesmo admitindo que a mudança é diferente para cada sexo.

No relato de Márcio pode-se ver a valorização da virgindade feminina pelos meninos:

(O que eles pensam sobre virgindade?) “Acabar o mais rápido possível, porque depois ganha fama das outras jovens, dos outros amigos, ficar falado eles acham bom, eu normal, no meu ponto de vista é normal.” (Um rapaz, você ou uma dos rapazes do teu grupo o que pensa sobre casamento e virgindade, casam com uma menina mesmo que ela não seja virgem, como é que é isso?) “Eles nem ligam pra isso, sendo virgem não sendo...Dei sorte grande, eles falam que é sorte grande.” (Qual é a sorte grande?) “É virgem, nenhum homem teve relacionamento com ela...”

Segundo Márcio (17 anos) descreve, o ser homem, para seus pares é melhor do que ser mulher. Na comparação entre processos do desenvolvimento biológico nos meninos e nas meninas, o destas últimas é visto como pior do que o dos meninos. A liberdade é também vista como uma vantagem dos homens sobre as mulheres.

(O que os teus amigos pensam e falam sobre ser homem?) “Falam que é maravilhoso, fala que: ah, eu não queria ser mulher por causa disso, por causa daquilo...” (Por que não, por que eles não gostariam de ser mulher?) “Essas coisas que acontecem com mulher...” (O que por exemplo?) “Mudança no corpo, em festa homem tá passando perto se esfregando, acham horrível, eu também.” (Mas então é o que, as mudanças no corpo da mulher? Mas o corpo do homem também muda...) “Mas os deles, eles acham machão, muda

pra melhor, cada dia mais...” (E o da mulher não?) “Também.” (Qual a mudança no corpo da mulher que assusta os meninos?) “A gente conversa entre o grupo: ah, o corpo crescendo, aumentando a perna, aumentando o corpo todo de cima abaixo...” (E por que mais na visão deles não é bom ser mulher?) “Por isso, também tem que ganhar filho, que dói...” (Por ter que ganhar filho, pela dor e por que é bom ser homem na visão deles?) “Eles acham que é mais forte, encara mais alguns problemas, dá pra sustentar...” (Sustentar o que?) “Família, tem família certa, até que eles acham isso bom, ser homem...Também se tivesse uma menina, 11 e meia não daria pra ir pra um certo lugar que de repente se ela namorasse ela teria que deixar ele num canto... (Por exemplo?) “Em festa, baile, apesar que eu não vou em baile, só o Bruno e o Alexandre, só vou no nosso show, quando a gente tem pra fazer, só...” (Então as meninas não podem freqüentar os lugares que os meninos freqüentam?) “Pra se divertir até que podem, baile, festa, mas fora isso não.” (Quais os outros lugares que elas não podem freqüentar?) “Tem como se fossem banheiro de menino e de menina, não entra , passa perto mas não olha, lugares assim, tem homem conversando, a não ser que elas queriam uma conversa pra sair dali um namoro, uma amizade forte.” (Márcio, 17anos)

Se pode observar neste relato indícios de que ser homem é visto como privilégio em relação ao ser mulher.

Os jovens entrevistados não percebem, entre seus amigos, uma reflexão sobre o amor. O que existe, segundo dois deles (Márcio e Beatriz), é uma preferência pelo “ficar” ao namorar.

(O que eles pensam sobre amor? Amigos e amigas.) “Eles não tão ligando muito não.” (Não tão ligando como?) “Eles querem mais é sair, ficar, nada de namorar, nada de se apaixonar...” (Os seus amigos homens?) “E as meninas também, não quer se apaixonar, só querem sair pra ficar...” (Beatriz, 16 anos)

(E o que eles pensam sobre o amor?) “Ah, eles não pensam em nada, eles só pensam em ficar agora, o Bruno e o Alexandre, só em ficar, eles não pegam namoro certo.” (Eles acham que amor existe?) “Amor existe, eles acham, a gente já conversou bastante dessas coisas quando nenhum de nós tava namorando e ficando.” (Márcio, 17 anos)

O sexo é um tema que permeia as conversas dos grupos destes adolescentes embora de forma diferenciada, segundo o relato deles. A maioria dos meninos (Alexandre, Marcelo e Bruno) não especificaram de que forma este tema é abordado. Os demais entrevistados descreveu os diferentes enfoques que seus grupos dão ao tema.

Para Beatriz, o fato de uma menina se “entregar” ao namorado antes do casamento pode fazê-la sentir-se obrigada a ficar com ele para o resto de sua vida:

(Na tua roda de amigos o que os rapazes e as moças falam sobre sexo?) “Nada, não comentam nada.” (E nem assim... têm uma posição? Censuram ou aprovam determinadas atitudes? O que se comenta a respeito disso?) “Quando a gente sai assim, se alguma menina vem rapaz falar com ela, ela vai logo ficando, até os nossos próprios amigos vai e fala com ela que isso não é

certo, os próprios amigos nossos dá conselho às meninas, defende, na Exposição os meninos vinham mexer com ela, puxaram até o braço de uma prima minha, os meninos iam, falavam, defendiam. (Então os meninos dão uns toques pras meninas que são amigas pra que elas não façam certas coisas...) “Porque menino sabe do que eles são capazes.” (Eles alertam porque acham que os homens são perigosos pras amigas. E qual é o perigo que um homem representa pra uma mulher, esse perigo que os teus amigos se preocupam?) “De homem querer só pra fazer sexo, que hoje em dia o mais comum que existe é isso e até mesmo se ela não quiser, ele querer fazer à força, eles falam também isso.” (E o que as tuas amigas pensam em relação a essa questão de sexo, o que elas comentam sobre isso?) “Comentam que...elas também me falam que são virgens, elas têm o mesmo pensamento que eu tenho, é depois do casamento. Uma já teve caso de namorado, namorou 1 mês, que ele queria, mas ela não foi, e que eu estou achando que foi por causa disso que ele terminou com ela, só que ela não falou, mas eu estou achando que foi isso e se ela fez isso eu acho que ela tá mais do que certa, porque ela não quis e o namorado terminou com ela.” (Determinados rapazes começam a namorar a menina só por causa de sexo? Se não acontece sexo, ele desiste, se ela tivesse cedido, ele tinha ficado?) “Eu acho que sim, só por causa daquilo.” (É possível que uma relação que comece só por causa de sexo se transforme em amor depois?) “Olha, pode até ser que seja, mas eu acho que não vai ser aquele amor verdadeiro não. Uma menina se entrega a um rapaz, ela vai se achar na obrigação de ficar com ele pro resto da vida, mas só na obrigação, não por amor, mais por obrigação.” (Beatriz, 16 anos)

As amigas de Márcia pensam de forma diferente dela, que pretende casar-se virgem, em relação ao início da vida sexual:

(E sobre sexo?) “Sobre sexo elas pensam que não vão ficar até depois do casamento, virgens não. Elas acham que a gente tem que chegar no casamento já experiente.” (E quando é a hora que elas acham que é a hora?) “Com 17 anos. Se for um garoto maneiro, e se o namoro for maneiro, aí..., elas pensam que se não fizerem antes, elas vão se casar e não vão gostar do jeito que ele faz.” (E vai ter que ficar casada com um rapaz que não gosta... E os amigos homens eles falam sobre esse assunto?) “Não falam.” (Márcia, 14 anos)

Márcio também pensa de forma diferente do seu grupo de amigos em relação a sexo. Estes, assim como o de Carla, consideram que o sexo pode estar dissociado do amor:

(E sobre sexo o que eles pensam?) “Ah, falam muita coisa, que acham a menina atraente, que o sonho deles é levar ela pra cama., isso eu deixo falar, como eu disse pode se ter sexo, não sem ter amor, porque fazer só pra sustentar prazer, não adianta, pra eles adianta, tem mais é que fazer mesmo.” (Na cabeça deles pode existir sexo sem amor?) “É.” (E quando há amor por uma menina deve haver sexo?) “Aí é.” (Márcio, 17 anos)

(E sobre sexo?) “A maioria dá mais importância.” (Dá mais importância ao sexo do que ao amor?) “Dá, que o amor, as pessoas: tu ama? Tu ama? Então que se dane, só fala assim. Agora se fala: hoje, sexo, pronto tá acendendo,

piscou, falou sobre sexo com algum adolescente até os outros ali ficam de ouvido em pé pra querer saber o que é, eles pensam mais em sexo, eles falam: a onda agora é sexo e o amor deixa pra depois. (Primeiro o sexo, o amor ... Vocês pensam assim, né? É a maioria que pensa assim?) “Eu acho que hoje em dia é.” (Carla, 15 anos)

É um ponto comum a todos os jovens entrevistados só se sentirem à vontade para conversarem sobre sexo com pessoas do mesmo sexo. A maioria considera melhor conversar sobre qualquer assunto com pessoas do mesmo sexo. Somente Beatriz considera que os meninos são mais confiáveis, como amigos, do que as meninas.

As amizades com adolescentes de outro sexo são consideradas, por alguns dos entrevistados, como uma forma de viabilizar a aproximação deles em relação à pessoa em que estão interessados.

(Existe assunto que é mais fácil conversar com as meninas do que com os meninos?) “Não. A não ser que elas peçam: ah, eu estou gostando do Alexandre, fala com ele que depois eu quero fazer isso, isso eu sei falar o que é, que tá gostando dele, quer que eu fale com ele, dê uma de cupido.” (Márcio, 17 anos)

(Tem coisas que são melhores conversar com meninos que eles compreendem melhor do que as mulheres?) “Eu acho que sim, se tu está gostando de alguém, ele vai, te dá a maior força, se tá com algum problema ele vai e tenta te ajudar, quer dizer os meus amigos são assim...” (Beatriz, 16 anos)

(Tem algum assunto que seja melhor conversar com as meninas?) “Tem.” (O que?) “Se estiver interessado na pessoa, chega nela e falo. Aí ela é amiga da pessoa, aí ajuda. Aí dali pode começar a conversar sobre várias coisas. Aí pode rolar até conversa sobre sexo. Mas eu acho que é melhor conversar com homem do que com mulher.” (Alexandre, 14 anos)

Entre os pais e os amigos, estes últimos são apontados pela maioria dos entrevistados como o grupo com quem se sentem mais à vontade para conversarem sobre temas importantes, inclusive temas relativos à afetividade e à sexualidade. Somente Alexandre (14 anos) considera que é melhor conversar com seus pais.

“Porque meus pais me dão mais atenção do que meus amigos. Com os meus amigos, é só zoeira. Está falando e não quer nem saber. Pensa que é bagunça. Com os meus pais, não. Eles me levam mais a sério.”

A violência contra a mulher é um tema pouco abordado pelo grupo de pares destes adolescentes. Entretanto, quando conversam sobre o assunto com os amigos, estes geralmente indignam-se e consideram uma “covardia” o homem bater na mulher. Embora esta posição seja igualitária, por um lado, ou seja, de que uma das partes na

relação não pode oprimir a outra, há certo aspecto hierárquico na palavra “covardia”, na medida em que pressupõe que uma das partes é mais forte e a outra mais fraca.

(Os jovens, os colegas, não só os seus colegas, mas os jovens de uma forma geral falam sobre violência contra a mulher?) “Não, até que não, apesar de que hoje é o dia, ouvi falarem na rádio, também eu sabia, pra mim era dia 7, aí ouvi que é 8, eles falam poucas vezes, na televisão, tem estatística que mostram, a cada 15 minutos uma mulher tá sofrendo agressão do marido...” (E o que eles acham sobre isso?) “Brutalidade, coisa covarde, chega até dar raiva.” (Márcio, 17 anos)

“Bater em mulher é a pior coisa que existe. Por que não bate com a cabeça na parede? Não, tem que bater em mulher.” (Por que você acha que um homem que bate em mulher faz isso?) “Covardia. Pura covardia.” (Alexandre, 14 anos)

“ Falam que isso é covardia, que homem tem que bater em homem, não em mulher.” (Marcelo, 14 anos)

Uma das meninas descreve que, embora seus amigos sejam contra a violência do homem contra a mulher, estes acham que o homem pode bater na mulher se ela o fizer primeiro. Este discurso traz consigo um valor igualitário, na medida em que considera que a mulher também pode ser a parte agressora e que o homem tem direito a se defender.

“...A gente fala que homem que bate em mulher é covarde.” (E o que os meninos pensam sobre isso?) “Os meninos pensam que eles não podem bater, mas que também a mulher que chega e bate neles à toa, aí eles também tem que bater. Por exemplo, a gente estava, eles estão brigando lá e vem a menina e dá um tapão na cara dele, aí...” (Aí ele pode bater?) “Aí eles acham que pode.” (Mas marido que bate em mulher, o que eles acham sobre isso?) “Isso eu não sei. Pelo menos o meu namorado acha isso ridículo.” (Márcia, 14 anos)

Carla (15 anos) aponta para a possibilidade da mulher ter uma postura reativa diante da violência do marido e considera a falta de diálogo entre o casal como um dos principais motivos da agressão do marido. O relato dela sugere a banalização da violência entre parceiros e da idéia de que “mulher safada deve apanhar”.

(Os jovens falam sobre violência contra mulher?) “Não. É difícil, quem fala mais sobre violência é a mulher só e tem uns homens também que não são machistas que falam: esses homens que batem em mulher tem que levar é pau, esses filha da puta tem que ser chifrudo, esses homens que batem em mulher, tem uns caras lá perto da minha casa que fala isso: homem que trai a mulher bonita e gostosa tem que levar chifre e tem que levar pau se bate nela ainda, agora se ela trair ele não, aí ela tem que levar pau mesmo, agora se ele é safado, trai ela na rua, chega bêbado em casa vai bater nela, vai ter que levar é porrada mesmo, tem uns que falam assim, agora tem uns que nem liga: mulher tem que levar porrada mesmo, safada!” (E as meninas o que elas falam

sobre isso?) “Elas falam que se algum dia um homem for bater nelas que elas vão na delegacia da mulher. Eu não, sabe o que eu faço se um dia um homem me bater? Eu pego um pedaço de pau, na hora eu posso até nem aguentar a porrada, depois eu pego um pedaço de pau, dou paulada na cabeça dele, se dane se matar, não mandei me bater, igual o Zeca é muito esquentado, qualquer coisa dele é motivo de tacar a mão, eu falei com ele: tu pode brigar comigo, mas se tu falar pra mim que vai me botar a mão, vai ter botar, hein, vai ter que me bater! Aí um dia nós brigamos feio, porque ele bebeu, encheu a cara, aí vinha encher o meu saco, eu falei: cala essa boca e vai dormir, aí ele falou: o que tu falou? Eu falei: é isso mesmo! Aí ele levantou, fechou a mão assim: o que que tu quer? Eu falei: tu quer dar, dá bem dado, se tu é homem bota a mão aqui na minha cara então! Aí ele ficou me olhando assim, aí eu falei: bate pra tu ver se tu é homem! Ah, vai tomar banho, vai dormir, aí ele me olhou assim, aí falou: quer saber, vou dormir mesmo! Aí pegou e foi dormir, aí no outro dia ele falou assim: vai ficar me peitando? Eu vou, o que eu te falei, o dia que tu tentar levantar a mão pra mim, eu não abaixo a cabeça não, eu não abaixo a cabeça, quando a minha mãe vem me bater eu corro, eu vou ficar aqui pra tu me bater? Te meto a porrada, pra minha mãe eu não levanto a mão não, mas tu levanta pra ver se eu não te mato, aquele ferro taca na tua cabeça, tem um ferro envergado lá, com dois parafusão grandão, eu falei, taca na minha cabeça e eu quero ver, quero ver cadê Zeca? Já era, aí ele começou a rir, falou, desculpa, tá, é desculpa, mas faz outra pra tu ver! Da outra vez tu pode nem bater não, mas eu vou te dar uma paulada na cabeça...” (Por que você acha que as mulheres apanham, essas que apanham?) “Tem umas que apanham por merecer, que são safadas, agora tem outras que apanham por apanhar por causa de fofoca de amigo, te levam pro botequim, enchem tua cara, falam que a tua mulher tá andando com fulano e com siclano, só que ela não tá andando com ninguém, ela tá dentro de casa e ele sabe que ela não tá, que ela fica dentro de casa ali o dia inteiro que ele vê, a noite inteira, aí ele chega em casa, sem motivo nenhum começa a discutir e mete a mão por causa de intriga dos amigos, eu acho que é mais por causa disso...” (E porque que você acha que um homem bate?) “Eu acho que um homem chega a bater numa mulher porque ele não sabe sentar e conversar, tentar compreender o que tá acontecendo, ele parte logo pra agressão, pra curtir amanhã: eu bati nela ontem, dei logo umas porradas, que os caras lá falam assim, ah, dei umas porradas nela, igual esse meu cunhado que não fala comigo, ele tava falando ali na rua, o pai dele falou: por que tu bateu na tua mulher ontem? Porra, se vou conversar com ela, ela não sabe conversar, vem me dando soco, aí eu meti a mão na cara dela mesmo e o pai dele falou assim: Tu não pode fazer isso não! Ih, pai tu batia na minha mãe, aí ele: não é porque eu batia na tua mãe que tu vai bater na tua mulher! Tu batia na minha mãe sem motivo, eu bato na minha mulher por causa de motivo, eu não estou fazendo as coisas e ela fala que eu estou fazendo! Porque lá é assim, qualquer mulher que passa perto dele, os outros falam que tá ficando, qualquer mulher que ele fala oi, tá ficando, aí ele falou; eu não estou ficando com ninguém, essa porra dessa mulher vem encher meu saco! Ele mandou ela embora de casa, a casa é dele, mas ela não vai não, aí ele falou que bate nela porque ela merece, tadinha ela é magrelinha, pequinininha assim. (E o que ela faz quando apanha?) “Ela chora, bate nele também e chora, mas não adianta ela bater que não aguenta, ele bate mesmo nela, é ruim do Zeca me bater, hein!

VI CONCLUSÃO

Para os jovens entrevistados, a adolescência não está associada ao risco. Estes percebem que existem alguns riscos sociais associados aos papéis sexuais e ao mundo adulto que são diferenciados por sexo, mas que não se restringem à adolescência. Para os meninos o maior risco é o de envolverem-se com as drogas, para as meninas é o risco da gravidez indesejada e da prostituição. Existem riscos morais e sociais intermediários para ambos os sexos.

As entrevistas permitiram examinar diferentes aspectos da vida dos jovens entrevistados que não somente aqueles ligados à sexualidade e às relações afetivo-sexuais. Dentre estes aspectos estão os planos para a escolaridade e futuro profissional, as orientações de seus pais em relação a diversas áreas de suas vidas e as opiniões de seus pares.

Pode-se observar que, contrariando o critério tradicional que definia o chefe de família, que era ser o provedor material da mesma, foi possível perceber que este não é o único fator para estes jovens. Os chefes das suas famílias podem ser também aquelas pessoas com quem eles têm laço de cosangüinidade, que mandam ou determinam tarefas ou que proporcionam orientação e apoio aos demais .

As orientações parentais para a vida afetivo-sexual destes adolescentes, quando existem, são diferenciadas por sexo. O silêncio sobre as questões sexuais ainda dá a tônica das orientações às meninas; as dadas aos meninos são gerais e consistem em advertências difusas sobre os riscos que a vida sexual pode trazer à saúde .

Nas aspirações profissionais destes adolescentes podemos notar a valorização de atividades que lhes possibilitem reconhecimento social ou que contribuam para operar transformações sociais. Isto pode ser um aspecto importante a ser trabalhado nas ações de saúde pública.

Sem deixar de reconhecer a importância dos conceitos de *sujeito sexual* de Paiva e de *sexual empowerment* de Holland para subsidiar as práticas educativas em saúde sexual e reprodutiva, torna-se fundamental, nas ações voltadas para os adolescentes, o incentivo ao *personal empowerment*. O adolescente tem necessidade de ancorar-se em referenciais a partir dos quais possa formar a sua identidade e estabelecer relações saudáveis com o mundo que o cerca. No contexto em que se dão as relações afetivo-sexuais na contemporaneidade é importante pensar em ações de saúde voltadas

para o empoderamento dos jovens em termos da conservação de valores humanizantes e dignificantes nas relações de gênero.

As instituições, tais como a família e as religiosas, têm tido um papel importante no sentido de incentivá-lo. A preservação da virgindade ou o exercício do direito de escolha dos parceiros não são vistos como imposição por estes jovens, mas como uma atitude de respeito a si mesmo e ao seu próprio corpo.

Nas entrevistas também foi possível observar a coexistência de práticas e ideologias relacionadas a valores hierárquicos entrelaçando-se com outras que se baseiam em valores igualitários. Esta coexistência gera uma contradição interna nos discursos destes adolescentes, possibilitando a afirmação de valores as vezes conflitantes. Mesclam-se valores igualitários e hierárquicos ao se falar nos papéis de provedor, nos direitos sexuais, nas atribuições maternas e paternas em relação aos filhos e outros temas relacionados à identidade e aos relacionamentos afetivo-sexuais. É neste contexto que tanto se afirma a igualdade de direitos entre homens e mulheres como se avaliam seus comportamentos com base no “duplo padrão de moralidade” diferenciado por sexo descrito por Dauster (1987).

No contexto da contemporaneidade, a noção de igualdade de direitos entre os sexos inclui aspectos que merecem atenção: o modelo de igualdade que vem sendo apresentado em alguns casos baseia-se na dissociação entre amor e sexo e na violência entre pares, valores que tradicionalmente caracterizaram a masculinidade. Ao mesmo tempo, nos relatos de alguns meninos pode-se observar um indício de ruptura em relação aos modelos sociais que tradicionalmente foram impostos aos homens. Eles consideram que o amor e o sexo devem estar associados, que o cuidado com os filhos é, também, atribuição do pai e mostram reservas em afirmar determinadas diferenças de direitos entre homens e mulheres. É claro que, nas entrevistas, pode-se ver, concomitantemente, afirmações contraditórias a estas.

Coerentemente com a pesquisa da BENFAM (1989/1990), entre os jovens entrevistados os amigos são a principal fonte de informações sobre sexo, entre os adolescentes. Isto indica que ações educativas e preventivas com o grupo de pares, nas quais estas contradições podem ser indagadas, é um caminho para intervenções junto aos adolescentes.

Possivelmente, a vida sexual destes adolescentes terá tons e formas diferentes no decorrer dos anos. O sentido e a qualidade do sexo tornam-se diferentes em cada fase da vida, em cada tipo de vínculo, com diferentes parceiros, especialmente em um mundo desmapeado (Velho, 1986 apud Paiva, 1996), ou seja, com uma multiplicidade

de éticas e valores competindo, sem que haja um único mapa coerente para a conduta, onde a história individual é um desafio permanente à transformação de nossa identidade pessoal.

Ações voltadas para o “empoderamento” pessoal dos adolescentes no sentido de preservarem os valores humanizantes e dignificantes podem contribuir para a construção de identidades e relações de gênero mais saudáveis para si e para a sociedade em que vivem e se desenvolvem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, M. L.,1997. *A Polêmica sobre Adolescência e Sexualidade*. Tese de doutoramento, Belo Horizonte: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

ANYON, J.,1990. Intersecções de Gênero e Classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sociais. *Cadernos de Pesquisa*, 73: 13-25.

ANTUNES, M.C.;STEMPLIUK, V.;SILEIRA, F.& BRAJÃO, G.,1992. Sexualidade, Normas de Gênero e Crenças sobre AIDS entre Adolescentes. In: XXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Ribeirão Preto: mimeo.

ARILHA, M. & BERQUÓ, E.,1993. Esterilização: sintoma social. In: *Relatório de Pesquisa*, São Paulo: mimeo.

ARILHA, M. & CALAZANS, G.,1998. Sexualidade na Adolescência: O que há de novo? In: *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas* (Berquó, E., org.) vol.2, Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, pp.687-708.

ÁVILA, M. B.,1996. Notas sobre direitos reprodutivos e sexuais. In: *Sexualidades Brasileiras* (Parker, R. & Barbosa,R., orgs.), Rio de Janeiro: Relume-Dumará .

BARBOSA, R.,1989. *Mulher e Contracepção: entre o técnico e o político*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social, Universidade do Rio de Janeiro.

BARKER, G. & LOEWENSTEIN, I., 1997. *Onde estão os garotos? Promovendo maior envolvimento masculino na educação sexual*, mimeo.

BAUMAN, Z.,1998. *O Mal-Estar da Pós Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

BENFAM,1989/1990. *Pesquisa sobre Saúde Reprodutiva e Sexualidade do Jovem*. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife.

BOHOSLAVSKY, R.,1976. *Orientación Vocacional - La estrategia clínica*. Buenos Aires: Editorial Nueva Vision.

BRASIL,1988. Constituição (1988). *Constituição [da] República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal.

BRASIL, 1990. Lei 8069/90. *Estatuto da Criança e do Adolescente*.

CARIDADE, A.,1999. O Adolescente e a Sexualidade. In: *Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento*, vol.I, pp.206-211, Brasília: Ministério da Saúde.

CORNEAU, G.,1995. Paternidade e Masculinidade. In: *A Desconstrução do Masculino* (NOLASCO, S.), Rio de Janeiro: Rocco.

- COSTA, L. S.,1997. *Intervenção para uma nova concepção acerca da sexualidade masculina em uma área favelada da cidade do Rio de Janeiro*, mimeo.
- DAUSTER, T.,1987. Amor, sexo e família em camadas médias urbanas. In: *Uma Nova Família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira* (Figueira, S. A.), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- DEBORD, G.,1997. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto.
- ERIKSON, E. H.,1971. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FEUERSTEIN, G., 1994. *A Sexualidade Sagrada*. São Paulo: Siciliano.
- FIORI, W. R.,1982. Desenvolvimento Emocional. In: *Psicologia do Desenvolvimento: a idade escolar e a adolescência* (Rappaport, C. R., Fiori, W. R. & Davis, C.) , vol.4, São Paulo: EPU.
- FIGUEIRA, S.A., 1987. O “Moderno” e o “Arcaico” na Nova Família Brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social . In: *Uma Nova Família?* (Figueira, S.A. org.), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- GIFFIN, K.,1994. Esfera da Reprodução em uma Visão Masculina: Considerações sobre a Articulação da Produção e da Reprodução, de Classe e de Gênero, *PHYSIS*, 4 (1): 23-40.
- GIFFIN, K.,1995. Estudos de Gênero e Saúde Coletiva: Teoria e Prática. *Saúde em Debate*, 46: 29-33.
- GIFFIN, K.,1998. Beyond Empowerment: Heterosexualities and the Prevention of AIDS. *SOC. SCI. MED.*, 46 (2):151-156.
- GIFFIN, K. & CAVALCANTI, M. C., 1999. Homens e Reprodução. In: *Estudos Feministas*, 7 (1,2): 53-71.
- GOLDENBERG, M.,1991. *Ser homem, ser mulher dentro e fora do casamento*. Rio de Janeiro: Revan.
- GREELEY, A., 1977.*Love and Play*. New York: Seabury Press.
- GRUPO CERES, 1981. *Espelho de Vênus: identidade sexual e social da mulher*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- GÜNTHER, I.,1999. Adolescência e Projeto de Vida. *Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento*, vol.I, Brasília: Ministério da Saúde.
- HITE, S., 1976.*The Hite Report*. New York: Dell Publishing.
- HOLLAND, J.; RAMZANOGLU,C.; SCOTT,S.; SHARPE,S. & THOMSON,R., 1992. Risk, power and the possibility of pleasure: young women and safer sex. *AIDS CARE*, vol.4, n. 3.

LAVINAS, L.,1997. Gênero, cidadania e adolescência. In: *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil* (Madeira, F., org.), Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos.

LEAL, O. F.,1993. Sangue, Fertilidade e Práticas Contraceptivas. In: XIII Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, Sessão “La Anthropologia en la Investigacion Socio-demográfica”, Cidade do México.

LEAL, O. F. & BOFF, A. M.,1996. Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional. In: *Sexualidades Brasileiras* (Parker, R. & Barbosa, R.M., orgs.), Rio de Janeiro: Relume Dumará.

LUZ, M., 1987. Identidade masculina-feminina na sociedade brasileira atual: crise nas representações. In: *Homem, mulher: Abordagens psicanalíticas e sociais* (Da Poian, C. org.), Rio de Janeiro: Taurus.

MEDRADO, B. & LYRA J., 1999. A Adolescência “Desprevenida” e a Paternidade na Adolescência: uma abordagem geracional e de gênero. *Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento*, Brasília: Ministério da Saúde.

MS (Ministério da Saúde), 1993. *Normas de Atenção à Saúde Integral do Adolescente*, vol.I e II. Brasília: Secretaria de Assistência à Saúde.

_____,2000. *Programa de Saúde do Adolescente*, <<http://saude.gov.br>> .

NOLASCO, S. A.,1995. A Desconstrução do Masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: *A Desconstrução do Masculino* (Nolasco, S. A., org.), Rio de Janeiro: Rocco.

OLIVEIRA, R. D.,1983. As Pedras nos Bolsos do Feminismo. *Novos Estudos CEBRAP*, 2(3).

PACKARD, V.,1968. *The sexual wilderness: the contemporary upheaval in male-female relationship.*, Nova York: Van Rees Press.

PAIVA,V., 1990. *As voltas do feminismo*. São Paulo: Brasiliense.

PAIVA,V. e ALONSO, L., 1992. *Em tempos de AIDS*. São Paulo: Summus Editorial.

PAIVA, V.,1994. Sexualidade e Gênero num Trabalho com Adolescentes para Prevenção do HIV/AIDS. In: *A AIDS no Brasil* (Parker, R. et ali orgs.), Rio de Janeiro: Relume Dumará.

PAIVA, V., 1996. Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual. In: *Sexualidades Brasileiras* (Parker, R. & Barbosa, R.M., orgs.), Rio de Janeiro: Relume Dumará.

PARKER, R.,1991. *Prazeres, Corpos e Paixões - A cultura sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Ed. Best Seller.

PHILIPSON, I.,1984. The feminist sexuality debates. *SIGNS* 10: 114-135.

SALEM, T.,1980.*O Velho e o Novo: Um estudo sobre papéis e conflitos familiares*. Petrópolis: Vozes.

SCOTT, J.,1995. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade* V, 20 (2): 71-99.

STONE, L. & CHURCH, J.,1972. *Infância e Adolescência*. Belo Horizonte: Interlivros.

VELHO, G., 1986. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar.

WEREBE, M. J.; CHAUI, M. & KEHL, M. R.,1981. Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? *Cadernos de Pesquisa*, 31.

WILSHIRE, D.,1997. Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento. In: *Gênero, Corpo e Conhecimento* (Jaggar, A. e Bordo, S.), Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MINAYO, M. C. S.,1999. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 6ª edição, São Paulo- Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.

ANEXO

Roteiro das Entrevistas

Entrevista número _____

Data de realização: _____

Tempo de duração: _____

Esta pesquisa pretende conhecer de que forma os valores sexuais tradicionais e modernos influenciam tanto a formação de vocês, adolescentes do Carangola, como homens ou mulheres quanto a forma de vocês se relacionarem com seus parceiros.

PARTE I

- **Dados Pessoais:**

Nome:

Data de Nascimento:

Sexo:

Cor:

Filiação:

Naturalidade:

Tempo de residência no bairro:

Idade:

Estado Civil:

Religião:

Praticante?

PARTE II

- **Vida escolar:**

1. Estuda atualmente?
2. Cursa que série?
3. Até que série pretende estudar?
4. Se não estuda mais atualmente, qual foi o motivo de ter parado?

- **Vida profissional:**

5. Trabalha atualmente? (Se a resposta for positiva) Em que?
6. Já trabalhou anteriormente? (Se a resposta for positiva) Em que?
7. Tem planos ou sonhos para sua vida profissional?
8. Considera possível realizá-los?

- **Histórico Familiar:**

9. Quem mora na sua casa?

Grau de parentesco	Idade	Escolaridade	Estuda atualmente?	Profissão	Trabalha atualmente?

10. Composição familiar original (se for diferente da atual):

11. Renda familiar mensal:

12. Existe alguma pessoa em tua casa que seja considerada “chefe” da família? Quem? A que se deve este título?

13. Com que pessoa da tua família é mais fácil conversar ou pedir as coisas? Por que?

14. Existe alguém em tua casa com quem você possa conversar ou buscar informações sobre assuntos tais como namoro, sexo, etc.? Quem?

15. O que teu pai (ou responsável do sexo masculino) fala com você quando o assunto é...

- Namoro?
- Sexo?
- Casamento?
- Comportamento sexual dos jovens de hoje?
- Estudos e trabalho?
- Futuro?

16. E você? O que pensa a respeito desta forma dele pensar sobre estes assuntos?

17. Considera que a orientação dele seria a mesma se você fosse do sexo oposto?

18. (Se houver irmão do sexo oposto) Como ele é com teu irmão (ou irmã)?

19. O que tua mãe (ou responsável do sexo feminino) fala com você quando o assunto é

...

- Namoro?
- Sexo?
- Casamento?
- Comportamento sexual dos jovens de hoje?
- Estudos e trabalho?
- Futuro?

20. E você? O que pensa a respeito desta forma dela pensar sobre estes assuntos?

21. Considera que a orientação dela seria a mesma se você fosse do sexo oposto?

22. (Se houver irmão do sexo oposto) Como ela é com teu irmão (ou irmã)?

23. Você vê diferenças entre a época de seus pais e a época atual em termos de sexo?

- **Vida afetivo-sexual:**

24. Já ficou com alguém?

25. Já namorou ou namora?

26. O que você pensa sobre o amor? Já se apaixonou alguma vez?

27. Existe diferença entre namorar e ficar para você? Qual?

28. Prefere ficar ou namorar?

29. O que é necessário para você ficar com uma pessoa? Como uma pessoa tem que ser para você ficar com ela?
30. O que é necessário para você namorar uma pessoa? Como uma pessoa tem que ser para você namorar ela?
31. E para fazer sexo, o que é necessário? Como tem que ser a pessoa?
32. Já teve alguma experiência sexual? (Se já) Como foi?
33. É ou já foi casado alguma vez?
34. Mora ou já morou com alguém?
35. Deseja casar? (Se a resposta for positiva) Como quer que seja teu casamento?
36. Como é, a seu ver, a pessoa ideal para casar?
37. O que é necessário para um casal ser feliz?
38. Deseja ter filhos? Por que?
39. Acha que ter filhos é mais importante para o homem, para a mulher ou é igual para ambos?
40. O que os filhos representam para o homem é igual ou diferente do que representam para a mulher ? (Se responder que é diferente) Qual é a diferença?
41. Qual é o papel do pai junto aos filhos?
42. Qual é o papel da mãe junto aos filhos?

- **Comparações entre homens e mulheres:**

43. O que pensa sobre ser homem?
44. O que pensa sobre ser mulher?
45. Como você vê a relação entre homens e mulheres hoje em dia?
46. Você acha que homens e mulheres amam da mesma forma ou há diferenças?
47. Existe uma “hora certa” para iniciar a vida sexual? Isto é igual para os dois sexos?
48. Como acha que o sexo é para os homens? E para as mulheres?
49. Considera que homens e mulheres têm os mesmos direitos em relação ao sexo?
50. Acha que o amor e o sexo são inseparáveis ou um pode existir sem o outro?
51. Fidelidade é uma coisa importante para você? Isto é igual para homens e mulheres? Você é fiel?

- **Vida Social:**

52. Você tem amigos ou grupo de amigos?
53. Quais são os assuntos mais comuns na tua roda de amigos?
54. É comum surgirem conversas sobre namoro e sexo no teu grupo de amigos?
55. O que teus amigos pensam sobre...
 - a) Ser homem?
 - b) Ser mulher?
 - c) Amor?
 - d) Sexo?
56. Todo o grupo pensa e se comporta de forma semelhante ou há diferenças? Existem outros grupos que conheça que pensem ou ajam de forma muito diferente da de vocês?
57. Você sente que pode ser absolutamente sincero(a) no seu grupo ao falar de assuntos de namoro, amor e sexo?
58. Existem assuntos que considera melhor conversar com pessoas do mesmo sexo? Quais? Por que?

59. Existem assuntos que evita conversar com pessoas do mesmo sexo? Quais? Por que?
60. Existem assuntos que considera melhor conversar com pessoas do sexo oposto? Quais? Por que?
61. Existem assuntos que evita conversar com pessoas do sexo oposto? Quais? Por que?
62. É mais fácil conversar sobre namoro, sexo e outros assuntos importantes com teus pais (ou um deles) ou com teus amigos?
63. Os jovens falam a respeito da violência contra a mulher? Como é isto?